

Bárbara Zacher Vitória

**SOBRE MEMES E MIMIMI:
LETRAMENTO HISTÓRICO E MIDIÁTICO NO CONTEXTO
DO CONSERVADORISMO E INTOLERÂNCIA NAS REDES
SOCIAIS**

Dissertação submetida ao Programa de
Pós-Graduação em Ensino de História
da Universidade Federal de Santa
Catarina para a obtenção do Grau de
Mestre em Ensino de História
Orientador: Prof. Dr. Alexandre Busko
Valim

Florianópolis
2019

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Vitória, Bárbara Zacher

Sobre memes e mimimi : Letramento histórico e midiático no contexto do conservadorismo e intolerância nas redes sociais / Bárbara Zacher Vitória ; orientador, Alexandre Busko Valim, 2019. 122p.

Dissertação (mestrado profissional) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação, Programa de Pós-Graduação em Ensino de História, Florianópolis, 2019.

Inclui referências.

1. Ensino de História. 2. Ensino de História. 3. Memes. 4. Letramento histórico. 5. Letramento midiático. I. Busko Valim, Alexandre. II. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Ensino de História. III. Título.

Bárbara Zacher Vitória

**SOBRE MEMES E MIMIMI: LETRAMENTO HISTÓRICO E
MIDIÁTICO NO CONTEXTO DO CONSERVADORISMO E
INTOLERÂNCIA NAS REDES SOCIAIS**

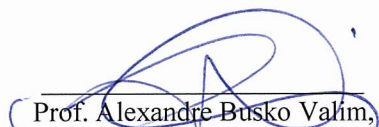
Esta Dissertação foi julgada adequada para obtenção do Título de
“Mestre em Ensino de História” e aprovada em sua forma final pelo
Programa de Pós-Graduação em Ensino de História

Florianópolis, 12 de abril de 2019.

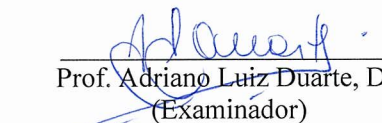


Profª Mônica Martins da Silva, Drª
Coordenadora do Curso


Banca Examinadora:



Prof. Alexandre Busko Valim, Dr.
Universidade Federal de Santa Catarina
(Orientador)



Prof. Adriano Luiz Duarte, Dr.
(Examinador)
Universidade Federal de Santa Catarina



Prof. Bruno Leal Pastor de Carvalho, Dr
Universidade de Brasília
(Examinador)

Profª Karen Christine Rechia, Drª
Universidade Federal de Santa Catarina
(Suplente)

Aos meus alunos e alunas.

AGRADECIMENTOS

Agradecer é reconhecer que não andei só nesta caminhada e que esta pesquisa foi atravessada por múltiplas presenças e contribuições. Esta trajetória de estudos, entre os anos de 2016 e 2019, foi marcada pelo desmonte da democracia e o levante reacionário, mas também, pela insurgência do movimento de resistência a estes ataques. É dentro deste campo de resistência que situo este trabalho.

Neste contexto, agradeço a CAPES pela bolsa de estudos sem a qual a dedicação a esta pesquisa não seria possível. Agradeço com muito afeto e respeito ao meu orientador Prof. Dr. Alexandre Busko Valim. Seu acolhimento, sua escuta e sua leitura foram preciosos e essenciais. Agradeço especialmente por ter me feito as perguntas cruciais que me ajudaram a dar forma a este trabalho, e por ter me incentivado a seguir adiante nesta difícil tarefa de se dedicar ao estudo de um objeto de pesquisa novo. Foi um privilégio ter, mais uma vez, a orientação de um historiador, educador, e ser humano que admiro tanto.

Agradeço aos integrantes da banca de qualificação Prof. Dr. Fernando de Araújo Penna e Prof. Dr. Henrique Luiz Pereira Oliveira. Ao Prof. Fernando agradeço não apenas por suas contribuições generosas na ocasião, mas por seu empenho na mobilização contra o movimento Escola sem Partido, e na defesa da educação pública e democrática. Sua postura combativa contra a censura na educação foram fagulha e alimento constante para esta pesquisa. Ao Prof. Henrique, agradeço por ter me ajudado a entender que era necessário dar mais atenção a metodologia de leitura dos memes e por ter, durante a graduação, me recebido como bolsista no LAPIS - Laboratório de Pesquisa em Imagem e Som, local onde acessei uma série de saberes sobre cultura audiovisual que foram essenciais para a construção do material didático que esta pesquisa entrega.

Agradeço aos professores do ProfHistória-UFSC, em especial ao Prof. Dr. Elison Paim e a Prof^a Dr^a Mônica Martins da Silva, por terem contribuído imensamente para o meu crescimento neste percurso. Ambos, desde o princípio, incentivaram esta pesquisa e os debates promovidos em suas aulas transformaram o meu olhar sobre o meu próprio trabalho na Educação Básica.

Agradeço aos colegas do ProfHistória UFSC, turma de 2016. Queridos amigos e amigas que fiz enquanto cursei este mestrado e que tornaram esse processo de aprendizagens muito mais valioso do que eu poderia prever. Vocês são lindos tesouros que encontrei neste caminho e

foi uma sorte ter convivido e desfrutado da companhia de cada um de vocês.

Agradeço ao meu avô Alfredo Zacher (in memoriam), às minhas avós Geni Zacher e Sebastiana da Rocha Vitória (in memoriam), e à minha mãe Nilza Zacher. Agradeço por serem a minha família e por terem me transmitido um profundo amor à Arte, à História, à Educação, à Política e à justiça social. São estas paixões que movem o meu mundo e todas elas enredam a tessitura deste trabalho.

Por fim, agradeço a cada um dos meus alunos e alunas, por diariamente me desafiarem e inspirarem a ser uma professora melhor. Muito do que está escrito neste trabalho, devo as experiências e aprendizados que tive com cada um de vocês.

RESUMO

Esta pesquisa foi desenvolvida partindo-se de um olhar sobre os memes como fontes ricas em elementos para refletirmos sobre a atual onda conservadora que perpassa o país e a relação dos estudantes com a produção imagética que circula pelas redes. Nossa proposta é a criação de um material didático sobre o uso de memes intolerantes no Ensino de História, cuja finalidade essencial é a apresentação de uma metodologia para o uso de memes como fontes no Ensino de História. Esta metodologia estará concatenada ao objetivo desta pesquisa de contribuir para o letramento midiático e histórico dos estudantes, visando uma reflexão e aprimoramento do olhar dos mesmos sobre os produtos de mídia, com a intenção de promover mudanças sociais, transformar realidades e estimular a tomada de consciência dos sujeitos sobre seu papel como agentes transformadores no processo democrático. Durante este percurso, nos ancoramos em conceitos relacionados à memética, ao letramento midiático e ao letramento histórico. A intersecção entre estes conceitos contribuiu para a compreensão dos memes enquanto fontes históricas afinadas ao seu contexto de produção com grande potencial para serem utilizados no Ensino de História. O material didático que propomos visa uma intervenção crítica que desnaturalize o olhar sobre as violências presentes nos memes intolerantes, evidencie um vínculo entre a orientação destas mensagens e a História, e acima de tudo, interfira no incentivo a constituição de identidades sensíveis, empáticas e comprometidas a um posicionamento crítico sobre conteúdos de mídias que ferem a ética e dignidade de outras identidades.

Palavras-chave: Ensino de História. Memes. Letramento. Conservadorismo.

ABSTRACT

This research was developed starting from a look at the memes as sources rich in elements to reflect on the current conservative wave that crosses the country and the relation of students with the imagery production that circulates through the networks. Our proposal is the creation of a didactic material on the use of intolerant memes in History Teaching, whose essential purpose is the presentation of a methodology for the use of memes as sources in History Teaching. This methodology will be linked to the objective of this research to contribute to the media and historical literacy of the students, aiming at a reflection and improvement of their view on media products, with the intention of promoting social changes, transforming realities and stimulating awareness of the subjects about their role as transforming agents in the democratic process. During this journey, we anchor ourselves in concepts related to memetics, media literacy and historical literacy. The intersection between these concepts contributed to the understanding of memes as historical sources attuned to their context of production with great potential to be used in History Teaching. The teaching material we propose aims at a critical intervention that denatures the gaze on the violence present in the intolerant memes, shows a link between the orientation of these messages and History, and, above all, interferes in the incentive to the constitution of sensitive, empathic and committed identities to a critical position on media content that harms the ethics and dignity of other identities.

Keywords: History Teaching. Memes. Literacy. Conservatism.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Exemplo de meme racista que circula pela web	22
Figura 2 - Exemplo de meme intolerante	23
Figura 3 - Logo da Página "Humaniza Redes"	34
Figura 4 – Meme criado a partir da logo da Página "Desumaniza Redes"	35
Figura 5 - Exemplo do meme “Os dias eram assim”	39
Figura 6 - Exemplo do meme "Os dias eram assim"	40
Figura 7 - Exemplo do meme "Os dias eram assim"	40
Figura 8 - Exemplo do meme "Os dias eram assim"	41
Figura 9 - Exemplo do meme "Nego"	42
Figura 10 - Exemplo do meme "Nego"	42
Figura 11 - Exemplo do meme "Nego"	43
Figura 12 - Exemplo do meme "Nego"	43
Figura 13 - Exemplo do meme "Nego"	44
Figura 14 - Exemplo de meme <i>off-line</i> : Charge criada pelo cartunista Jaguar	46
Figura 15 - Exemplo de um meme <i>online</i> criado a partir de um meme <i>offline</i>	46
Figura 16 - Exemplo de um meme <i>online</i> criado a partir de um meme <i>offline</i>	47
Figura 17 – Exemplo de meme produzido por estudante para o projeto de leitura	57
Figura 18 - Exemplo de meme produzido por estudante para o projeto de leitura	57
Figura 19 – Exemplo de meme machista produzido por estudante para o projeto de leitura	58
Figura 20 – Exemplo de meme compartilhado por educadores em nossa página no <i>Facebook</i>	61
Figura 21- Exemplo de meme compartilhado por educadores em nossa página no <i>Facebook</i>	61
Figura 22 - Exemplo de meme compartilhado por educadores em nossa página no <i>Facebook</i>	62

Figura 23- Exemplo de meme compartilhado por educadores em nossa página no *Facebook* 62

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ProfHistória – Mestrado Profissional em Ensino de História

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	19
2. TIPOLOGIA DOS MEMES	29
2.1 GÊNESE DA MEMÉTICA	29
2.2 MEMES DE INTERNET	32
2.3 MEMES HISTÓRICOS	38
3. MEMES, ENSINO E HISTÓRIA	49
3.1 MEMES E ENSINO	49
3.2 MEMES E ENSINO DE HISTÓRIA.....	52
3.3 NOSSA EXPERIÊNCIA COM O USO DE MEMES NO ENSINO DE HISTÓRIA.....	56
3.4 LETRAMENTO MUDIÁTICO E LETRAMENTO HISTÓRICO	63
4. DIMENSÃO PROPOSITIVA	71
4.1 TRAJETÓRIA DA PESQUISA.....	71
4.2 PROCESSO DE ELABORAÇÃO DO MATERIAL DIDÁTICO	73
4.3 APRESENTAÇÃO DO VÍDEO	74
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	77
REFERÊNCIAS	81
ANEXO 1 – Guia para o uso de memes em sala de aula	85
ANEXO 2 – Roteiro	85
ANEXO 3- Canal Memes e Mimimi	117
ANEXO 4- Questionário	118

1. INTRODUÇÃO

O desenvolvimento e popularização das tecnologias digitais nas últimas décadas desencadearam diversas modificações de costumes. Uma nova noção de tempo está sendo construída por uma geração que vêm se habituando a ter acesso instantâneo a toda e qualquer informação que desejar, desde que esteja conectada à internet. Essas facilidades contemporâneas estão criando novos modos de comunicação, novas linguagens e novas formas de interações sociais.

Nos espaços de comunicação criados pela era digital, como as redes sociais *Facebook*, *Twitter*, *Youtube* e *Instagram*, os mais diversos usuários se comportam como vetores que estão constantemente compartilhando informações sobre suas existências e os lugares que ocupam do mundo. Assim como no mundo real, o mundo virtual também é competitivo e superpovoado, exigindo muita criatividade da pessoa que deseja se destacar em meio à multidão da *web*. Nesse cenário, novas linguagens estão sendo criadas com a intenção de tornar as informações disponíveis na internet mais atrativas e acessíveis, aumentando assim as suas chances de aceitação que serão medidas entre curtidas e compartilhamentos.

Dentre as linguagens criadas neste contexto estão os memes. Um meme é uma unidade mínima de informação que viraliza na internet e pode ser produzido a partir de uma imagem, vídeo ou texto. Eles estão por todos os cantos da rede, disseminando-se por meio de imagens de animais fofinhos, ícones da cultura pop, frases de efeito e altas doses de humor debochado, irônico e aparentemente inocente. Aparentemente porque os memes carregam de maneira velada diversas ideologias e, justamente por terem um grande potencial de replicação estão sendo muito explorados na tentativa de se criar consensos sobre temas polêmicos das mais diversas estirpes. Os memes hoje são uma fonte riquíssima para pensarmos sobre a história imediata e seu uso no ensino de história apresenta possibilidades promissoras.

São várias as perspectivas e olhares que podemos adotar ao analisarmos os memes de internet. Entre as várias percepções que temos sobre essa nova forma de expressão, tem duas que despertam nosso interesse e preocupação. A primeira, parte do ponto de vista positivo de que os memes são uma linguagem muito atrativa e criativa e geram um grande apelo entre os jovens porque seus códigos visuais e textuais são centrados justamente dentro da cultura juvenil. Suas mensagens usam referências de filmes do momento, personagens de desenhos animados, músicas da moda (caso o meme seja um *gif*), trechos de histórias em

quadrinhos, celebridades da internet, jogos de videogame, e mais uma série de ícones facilmente identificáveis por muitos adolescentes. Esses ícones são sobrepostos, colados, remixados e ganham um sentido próprio e mutável (um meme pode mudar de sentido dependendo da situação em que está inserido) se transformando em mensagens híbridas com alta intertextualidade, mas que só são completamente decifradas por quem conhece e decodifica os códigos ali utilizados. Além da complexidade de seu texto, um meme carrega consigo sua característica nata de replicação. A mensagem que ele veicula se espalha pela *web*, porque a tradução de seus símbolos gera identificação. Um educador atento às práticas de comunicação de seus estudantes pode explorar esta linguagem das mais variadas formas. Já encontramos nas redes sociais hoje, por exemplo, grupos e páginas que produzem memes históricos que já possuem todo um conjunto de colagens sobre os mais variados temas pertinentes a História. Este encontro entre o Ensino de História e a produção imagética própria da internet poderia resultar em mais uma maneira de trabalhar o uso de interpretação e produção de imagens no Ensino de História.

A segunda percepção que temos sobre os memes é a de que, justamente por todos os motivos elencados acima (sua criatividade, intertextualidade, poder de viralização, etc.) essa nova linguagem está sendo usada por diversos agentes sociais como um mecanismo para contaminar o mundo virtual com toda a sorte de propagandas, informações falsas, preconceitos e violências possíveis. Dos grotões da internet emergem memes falaciosos e intolerantes que estão atuando fortemente na banalização das violências sociais dentro do mundo virtual. É com tristeza que vemos nossos estudantes interagindo com mensagens deste cunho, ajudando a propagar nas redes mentalidades que nós, professores de história, nos dedicamos tanto a problematizar e combater como o racismo, machismo, homofobia, xenofobia e várias outras violências que são contrárias aos Direitos Humanos, aos valores éticos e a Democracia. Muitos memes estão sendo usados para disseminar uma leitura conservadora, desumana e rasa sobre assuntos que são muito delicados e caros a História. Obviamente, o crescimento da produção e circulação de imagens que propagam estes ideais não é fortuito, pois elas são frutos do momento histórico e político pelo qual passa o nosso país. Mas e para os estudantes, o quão evidente isto está? Qual é a leitura que eles fazem dessas imagens? Eles conseguem perceber as intenções, e acima de tudo, as agressões que existem por detrás do humor, da ironia, do sarcasmo presente nessas colagens?

O uso de imagens já é uma prática consolidada entre professores de História. Diversos momentos históricos marcados pelo

conservadorismo possuem uma vasta produção imagética que é muito preciosa como recurso didático. Propagandas fascistas, cartazes com anúncios de compra e venda de escravos, histórias em quadrinhos da Guerra Fria, filmes nazistas, enfim, estamos habituados a usar esses recursos para evidenciar como as imagens são usadas para divulgar, reforçar e criar consensos sobre as narrativas e discursos de uma época. A nossa proposta é inserir os memes que são produzidos hoje e carregam estes discursos conservadores dentro do repertório de imagens que usamos no Ensino de História. Não queremos aqui negar os memes. Como já citamos, enxergamos neles características muito positivas e atraentes para o seu uso didático (como a construção de memes sobre história, por exemplo), mas acreditamos que na atual conjuntura do país, uma proposta de pesquisa que aborde os memes que veiculam discursos intolerantes é neste momento mais necessária e urgente. O que pretendemos com esta pesquisa é dar um pequeno passo em direção ao letramento midiático dos estudantes. A criação com os estudantes da percepção de que as mídias não são neutras, de que nelas ocorre um jogo de disputas e de construções de sentidos, já é realizado nas aulas de História, quando falamos sobre canais de comunicação, de televisão, da imprensa, do cinema, da publicidade, dos quadrinhos, etc. Porém, a nosso ver, essa problematização ainda não é feita em relação à internet, pelo menos não com a atenção merecida. A visão que se tem da internet é de uma mídia democrática onde todos podem participar mais diretamente e construir uma voz ativa, mas isso não quer dizer que ela está isenta das disputas e construções de sentido presente em outros meios. O que propomos nesta pesquisa é a construção de um material didático para o Ensino de História que objetiva o letramento midiático focado na internet e suas formas típicas de expressão, utilizando como fontes, memes intolerantes que circulam pelas redes.

A análise da profusão memética disponível nas redes e o seu possível uso didático é um caminho promissor a ser seguido. Basta realizarmos uma rápida busca no *Facebook* para percebermos a quantidade enorme de páginas que tem como tema central a História. Essas páginas possuem uma vasta produção de memes cuja temática está relacionada à História que, em sua maioria, não são feitos por historiadores, mas propagam o conhecimento histórico para um público amplo e diversificado. Porém a produção de memes relacionados à História não está restrita a páginas que se dedicam a História. Existe um pântano na internet brasileira formado por páginas que se dizem conservadoras como a “Moça, você não é obrigada a ser feminista” (756 mil seguidores) a “Jovens de direita” (300 mil seguidores) e a “Caneta

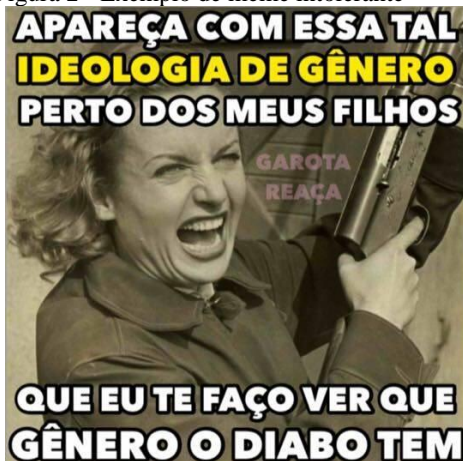
desesquerdizadora” (500 mil seguidores) que diariamente, mediante seus memes, veiculam conteúdos racistas, xenofóbicos, machistas, homofóbicos, nazistas, etc., e que, apesar da violência de sua produção memética, possuem grande adesão e engajamento de sua audiência. Essas páginas estão empenhadas em disseminar nas redes notícias falsas e mensagens violentas se tornando uma ferramenta de comunicação contraproducente. Memes como os da Figura 1 e 2, circulam livremente no *feed* de notícias do *Facebook*, *Twitter* e em grupos do *Whatsapp* mesmo representando um ataque aos preceitos democráticos e valores humanistas.

Figura 1 - Exemplo de meme racista que circula pela web



Fonte: Acervo da autora.

Figura 2 - Exemplo de meme intolerante



Fonte: Página do Facebook “Garota reaçã”.

O estudo das mídias digitais pode ter como objetivo elucidar tendências dominantes e de resistência, vislumbrar perspectivas históricas, e também analisar a forma como os meios digitais de comunicação agem no sentido de influenciar a identidade dos indivíduos receptores. Todos os dias, ao acessar alguma rede social, nossos estudantes entram em contato com mensagens como as apresentadas acima e a pergunta que fazemos é: quais são os significados e interpretações que os jovens estão criando sobre este tipo de produção cultural? Nossos estudantes estão atentos às reduções e generalizações que existem nos memes? Eles têm consciência sobre o que representa curtir e compartilhar uma informação dessas? Eles compreendem as consequências sociais e políticas de sua adesão e engajamento em páginas que propagam notícias falsas e conteúdo desumano? Pensamos que as aulas de história são um espaço propício para este debate.

Para Luiz Fernando Cerri (2010, p. 270), o Ensino de História pode ser definido como a interferência de caráter de desenvolvimento cognitivo, capaz de ajudar o aluno a abrir novas portas para a sua capacidade de pensar, definir e atribuir sentido ao tempo.

A perspectiva de uma literacia histórica -ou, no uso mais comum no português brasileiro- de um letramento histórico é um marco decisivo, pois supera a ideia de ensino de História como transmissão, rumo à ideia de um saber que só

concretiza a sua necessidade se é aplicável e faz diferença na capacidade do sujeito de agir no mundo em sintonia com sua progressiva leitura desse mundo (CERRI, 2010, p. 270).

Muito se fala sobre a inserção das tecnologias nas práticas escolares, mas pensamos que, concomitantemente ao uso das tecnologias, devemos construir junto aos estudantes um letramento histórico e midiático que os tornem capazes de ler dentro das mídias digitais os discursos, conflitos, representações e ideologias que circulam por meio delas. As mensagens de comunicação em massa, como os memes, podem, em alguns casos, servir como propagandas e contaminar os debates sobre determinadas pautas. Promover em aula discussões sobre essa temática, e várias outras que envolvem questões delicadas sobre as linguagens de internet, é um mecanismo apropriado para se cumprir um dos objetivos da disciplina de promover identidades com maior autonomia bem como prevenir identidades não razoáveis que tendem a negação da humanidade, dos direitos e da vida de outras identidades, representando assim um perigo para a coletividade (CERRI, 2010, p. 271).

Há um promissor campo em aberto para a pesquisa historiográfica relacionada ao uso de memes no Ensino de História. Conforme mencionado, são muitas as páginas nas redes sociais que versam sobre História e Ensino de história e sua produção memética é carregada de sentidos e significados nem sempre apreendidos totalmente pelo seu público consumidor. Os estudantes fazem parte deste público e uma abordagem mais específica sobre o funcionamento dos memes, sua tipologia, sua linguagem, sua historicidade e suas intenções de produção se faz necessária. As discussões sobre este objeto de pesquisa já foram iniciadas por educadores de outras áreas, porém, ainda é tímido o olhar a partir do campo da História sobre a produção de memes no Brasil.

O presente trabalho busca atender as particularidades do programa de Mestrado Profissional em Ensino de História da Universidade Federal de Santa Catarina que tem entre os seus objetivos a reflexão de problemáticas que afetam os professores e estudantes nas dinâmicas de ensino no âmbito da História. A partir desta reflexão, busca-se a elaboração de práticas e materiais didáticos que possibilitem melhorias no ensino e aprendizagem da História na educação básica do país.

Buscando atender aos objetivos do programa a proposta desta pesquisa é a criação de um material didático sobre o uso de memes intolerantes no Ensino de História. A finalidade essencial deste material será a de apresentar uma proposta de metodologia para o uso de memes

como fontes no Ensino de História. Esta metodologia estará concatenada ao objetivo desta pesquisa de contribuir para o letramento midiático dos estudantes, visando uma reflexão e aprimoramento do olhar dos mesmos sobre os produtos de mídia, com a intenção de promover mudanças sociais, transformar realidades e estimular a tomada de consciência dos sujeitos sobre seu papel como agentes transformadores.

O ingresso no ProfHistória no segundo semestre de 2016 foi um divisor de águas neste percurso em busca de uma metodologia adequada para a inserção dos memes no Ensino de História. As discussões relacionadas às particularidades e especificidades da História ensinada, somadas as leituras sobre memética e letramento midiático foram essenciais para a estruturação de novos experimentos como o que apresentaremos neste trabalho.

A pesquisa será realizada partindo-se de um olhar sobre os memes como fontes primárias ricas em elementos para refletirmos sobre a atual onda conservadora que perpassa o país e a relação dos estudantes com essa produção imagética que circula pelas redes. O meme nesta pesquisa será elevado ao status de importante documento, que reúne em sua narrativa informações acerca da configuração social de seu contexto de realização. Defendemos o estudo da atual produção memética brasileira considerando suas condições de realização, produção, financiamento e circulação, entre outras, e definindo-a como importante registro da ideologia e mentalidade de uma época. A produção teórica sobre a memética ainda é tímida, mas o pesquisador que se aventurar nesta seara pode contar com os estudos realizados por autores como Richard Dawkins, Susan Blakmore, Daniel Dennet, e Raquel Recuero, que serão brevemente explorados no presente texto, mas que possuem uma obra em consolidação dentro da área.

Consideramos como pressuposto principal para a análise dos memes e seu estatuto de fonte construída por meio da articulação entre imagem, palavra, som e escrita, que altera a realidade, numa nova configuração. A junção dos elementos que compõem a estrutura do meme, aqui chamados de procedimentos narrativos (imagens utilizadas, elementos gráficos, cores, etc.) produz uma imagem dotada de intencionalidades. A análise destes elementos é complementada, mas não determinada, pela sua articulação com o contexto de realização. É preciso, portanto, partir da fonte para o contexto, para identificar seus mecanismos de ressignificação do meio social (concepções políticas, ideológicas, configuração social, costumes, condições materiais de produção e subsistência).

Desta maneira, o foco recairá diretamente sobre a seleção de memes que será feita, a partir de uma análise minuciosa de sua narrativa, apoiada na bibliografia pertinente ao estudo de suas linguagens como a proposta pelos autores Knobel & Lankshear e Limor Shifman que percebem os memes como um gênero midiático que requer novas e específicas práticas de letramento. O conceito de letramento midiático será discutido a partir da perspectiva proposta por Jay Lemke e Ângela Kleiman. Já a interpretação dos memes como produtores de um discurso sobre o meio social no qual se inserem será baseada também a partir de obras de autores como Douglas Kellner e Henry Jenkins.

O Ensino de História, assim como a História Pública pode ser percebido como um espaço/tempo de fronteira. Sendo os professores de História formados nesta fronteira, agem como provocadores de conhecimentos que ao questionar e problematizar significados desestabilizam preconceitos estimulando o embate de ideias e a construção de diálogos (MAUAD; ALMEIDA; SANTHIAGO, 2016, p. 183). Obras de autores como Ana Maria Mauad e Jurandir Malerba, servirão para estreitar o diálogo entre Ensino de História e História Pública na presente proposta de pesquisa.

Dentro dos conceitos próprios do Ensino de História pretendemos trabalhar com os propostos por Jörn Rüsen por meio da Didática da História Alemã. Esta é uma subdisciplina da ciência histórica que investiga a consciência histórica em uma sociedade. Nesta perspectiva, por consciência histórica entende-se o conjunto de operações mentais com o qual as pessoas interpretam o passado para compreender o presente e projetar futuros. Os estudos sobre a consciência histórica têm o seu campo de investigação centrado dentro de dois eixos: a consciência histórica produzida na escola e a consciência histórica produzida nos usos públicos da história. Ambos se articulam a categorias de análise que serão utilizadas neste trabalho como saberes históricos escolares e História Pública.

Os trabalhos de Maria Auxiliadora Schmidt sobre Letramento Histórico, e os de Elias Thomé Saliba sobre o uso de imagens no Ensino de História também farão parte das referências teóricas que fundamentarão esta pesquisa.

Sendo assim este trabalho será dividido em três capítulos. Considerando que esta pesquisa explora um objeto novo dentro do campo do Ensino de História, no primeiro capítulo apresentaremos um breve histórico do termo meme, acompanhado de um panorama sobre as principais acepções propostas por teóricos da área da comunicação e da memética. Recorreremos a esta discussão teórica para melhor

compreendermos este objeto e assimilarmos as dinâmicas que envolvem a sua criação e classificação. No segundo capítulo pretendemos abordar o potencial dos memes como ferramenta para o letramento histórico e midiático. Os conceitos de letramento de mídias, intertextualidade e cultura do *remix* serão fundamentais para que possamos entender a lógica de conexão de saberes e diferentes habilidades que envolvem a leitura de um meme. Neste mesmo capítulo, apresentaremos o estado da arte de pesquisas acadêmicas que investigam as possibilidades de uso de memes dentro do campo do ensino e as nossas próprias experiências em sala de aula utilizando memes.

No terceiro e último capítulo, apresentaremos nosso material didático para o uso de memes históricos com temática conservadora e intolerante no Ensino de História. Partindo de reflexões sobre como as imagens vêm sendo usadas dentro do Ensino de História, o material apresentará uma seleção de memes com temas sensíveis, para promover discussões com os estudantes sobre como os memes tem atuado para propagar e cristalizar mentalidades conservadoras em ambientes *online*. O conservadorismo e a intolerância presentes nestes memes serão abordados como fenômenos antigos que ressurgem hoje com novo fôlego impulsionados pela popularização da internet no país.

Cientes da extensão e complexidade do tema aqui abordado, pontuamos que a análise da trajetória dos memes na *web*, compreendendo todo o seu circuito, desde a autoria, reverberação e recepção, foge do propósito deste trabalho. Neste momento, pretendemos por meio de uma seleção temática (memes intolerantes) e temporal (memes produzidos entre 2013-2017) propor chaves de leitura que evidenciem o vínculo entre a linguagem memética e seu contexto histórico de produção.

2. TIPOLOGIA DOS MEMES

“Primeiramente, Fora Temer”. Quando o estudante Thiago Rosa Lacerda, ao ser entrevistado pelo Bom dia Rio de Janeiro sobre a ocupação da reitoria da UFRJ, surpreendeu a repórter ao iniciar a conversa usando essa expressão, ele não poderia prever que estava prestes a se tornar o autor de um dos memes mais populares do país¹. O vídeo com os primeiros segundos da entrevista viralizou nas redes com grande repercussão, e como é de costume, um conteúdo da *web* após viralizar tende a se tornar um meme. Este meme em específico assumiu todas as possibilidades de desempenho que um meme poderia ter. Partindo do viral original, diversos usuários reproduziram em vídeo suas próprias versões do “Fora Temer” em inúmeras paródias que se espalharam pela *web*. Além dos vídeos, a expressão serviu de insumo para montagens de imagens e texto, virou *hashtag*, avatar do *Facebook*, e estampou muros e portas de banheiro pelo país a fora, como os bons memes da era pré-internet faziam. Claramente um meme de sucesso. Mas afinal, o que é um meme? O que diferencia um meme de um viral? Quais são os tipos de memes que circulam hoje pelas redes? O que é necessário para que um meme se propague pela *web*? Estas são questões sobre as quais nos dedicaremos neste capítulo, no intuito de melhor compreendermos as características do objeto desta pesquisa. Muito mais do que um besteirol de internet os memes são, a nosso ver, novas expressões da cultura popular na era digital e sua recente trajetória é marcada por preconceitos e pareceres equivocados. O uso de um instrumental teórico capaz de analisar esta linguagem de maneira mais completa, do que percebê-la apenas como um passatempo alienante se faz necessário, e é neste sentido que investiremos nossos esforços no presente capítulo.

2.1 GÊNESE DA MEMÉTICA

O estudo seminal da teoria memética foi publicado em 1975 pelo biólogo evolutivo Richard Dawkins (2001) na obra *O Gene egoísta*. No último capítulo deste livro, o autor questiona o gene como única unidade de seleção natural. Para ele, as mesmas leis que regem a seleção e reprodução de genes, podem de uma maneira ainda não identificada, orientar a produção e reprodução da cultura. Essa unidade de herança cultural, que dentro da cultura humana se comporta como um gene é

¹ Fonte: <https://www.brasildefato.com.br/2016/07/19/8-melhores-videos-que-viralizaram-pedindo-fora-temer/>. Acesso em: 01/12/2017.

chamada por Dawkins de meme.² Para o autor, os nossos ancestrais memetizaram informações cruciais para a evolução do ser humano e assim como os genes representam a evolução da nossa espécie, os memes representariam a evolução na nossa cultura. O biólogo sugere que memes podem ser “melodias, slogans, moda do vestuário, maneiras de fazer potes ou de construir arcos” (DAWKINS, 2001, p. 112), ou qualquer símbolo ativo nos processos de transmissão de cultura. A longevidade destes símbolos estaria relacionada ao seu nível de cristalização na cultura. Sendo assim, ideias que foram escritas ou de alguma maneira materializadas, teriam maior potencial de propagar-se, enquanto ideias transmitidas por narrativas orais teriam uma longevidade mais frágil (DAWKINS, 2001, p. 113).

Nesta teoria Dawkins cria um paralelo entre os genes, que são replicadores biológicos compostos por um complexo de informações necessárias para a evolução da vida, e os memes, que são apresentados como um replicador cultural. Os memes se comportariam então, como parasitas que infectam os cérebros humanos com o objetivo de torná-los veículos para a sua propagação.

Partindo desta proposta teórica, o filósofo Daniel Dennett afirma que nada impede que os produtos criados pela engenharia humana sejam vistos como frutos da árvore da vida ou de que estejam sujeitos às leis da evolução. Em uma conferência realizada para a *TED Talks* o filósofo elabora uma analogia que busca explicar como a teoria evolucionista pode ser aplicada ao pensamento humano, descrevendo a cena de uma formiga que está constantemente se esforçando para permanecer no topo da folha de uma grama em um campo,

(...) após cair da folha e insistir inúmeras vezes em subir ao topo novamente podemos nos questionar: por que afinal aquela formiga está despendendo tanta energia para se posicionar ali? O que a formiga ganha com tanto esforço? Qual é o objetivo da formiga em tentar subir ao topo da grama? O que há ali para a formiga? A resposta para esta pergunta é: nada. Não há nada interessante ali para a formiga e ela só está agindo assim porque o seu cérebro foi infectado por um verme parasita que precisa ir para o estômago de um carneiro ou uma vaca para continuar seu ciclo

² De acordo com Dawkins (2001) o meme representa de forma abreviada o termo grego *mimeme* que significa imitação.

de vida. Os vermes assumem o controle de uma formiga, sobem até o cérebro dela e conduzem-na ao topo de uma erva para usá-la como veículo induzindo um comportamento suicida. A questão é: será que algo parecido acontece com humanos? (DENNETT, 2002).

Para Dennett as ideias são os parasitas que infectam nossos cérebros, se aproximando da afirmação de Dawkins (2001, p. 197) de que “os computadores onde os memes vivem são os cérebros humanos”. O filósofo afirma que a maioria da população mundial já teve o seu cérebro sequestrado por ideias parasitas pelas quais somos capazes de morrer: Liberdade, Justiça, Verdade, Comunismo, Capitalismo, Cristianismo e Islamismo por exemplo. Por possuírem um alto poder de contágio os hospedeiros trabalham arduamente para propagá-las aos outros e essas ideias podem ser extremamente atrativas para muitas pessoas tem se empenhado em encontrar algo mais importante do que elas mesmas para dedicarem suas vidas. Para o teórico, um conjunto de ideias pode ser um bom substituto para os imperativos biológicos dos seres humanos, pois,

(...) vivemos hoje um momento particular onde as pessoas não estão mais interessadas em maximizar o seu número de netos para perpetuar a espécie e isso tem um efeito biológico profundo, trata-se de uma subordinação dos interesses genéticos a outros interesses e nenhuma outra espécie animal faz isso. Quais teorias podem ser utilizadas para pensar esse fenômeno biológico? A memética e sua teoria de replicação de ideias de um cérebro para outro criada por Dawkins têm importantes contribuições para refletirmos sobre este fenômeno (DENNETT, 2002).

Inspirada pelo comparativo feito por Dawkins sobre os cérebros humanos serem os computadores onde os memes vivem, Susan Blackmore (1999, p. 66) propõe que os seres humanos são além de hospedeiros, máquinas de memes. Para a psicóloga britânica tudo o que possa ser aprendido ou copiado de alguém é um meme, e do ponto de vista dos memes, nós somos máquinas meméticas seminais que auxiliam na criação de máquinas meméticas mais evoluídas para beneficiar a eles mesmos. Ilustrando o que a autora afirma, nós humanos, por exemplo, criamos a mídia, um poderoso meme, que produz e reproduz outros

memes. Tal qual o gene que transmite o DNA, o meme também necessita de um veículo para ser transmitido, e este veículo pode ser uma música, um jornal, ou mesmo um ser humano.

Estas metáforas biológicas para explicar eventos relacionados à cultura, e as analogias entre as tecnologias e o funcionamento cerebral humano, ocupam um terreno controverso e academicamente disputado. Atualmente, a memética é explorada não apenas dentro da biologia evolutiva, mas também em outras áreas de conhecimento como a neurociência, sociobiologia, filosofia da mente e psicologia social. Enquanto diversos neurocientistas têm se dedicado a realizar experimentos em busca de uma evidência que possibilite elevar a memética ao status de uma ciência darwinista da cultura, teóricos como Dennett e Blakmore têm desenvolvido pesquisas dentro do campo de estudos da memética para melhor compreender o comportamento humano tentando explicar como a teoria evolucionista pode ser aplicada ao pensamento humano.

Apesar de a teoria memética ter se disseminado entre os cientistas (como um meme) muitos deles são céticos em relação a ela defendendo a subjetividade humana. Para Gazy Andraus (2005, p. 04) é também lúcido inquirir-se se, o conceito da subjetividade, ou até do livre-arbítrio, não se disseminou por meio destes mesmos memes, inculcando nas mentes humanas maneiras de pensar tão arraigadamente aprofundadas, que se tornam indistinguíveis. Há muitas controvérsias entre os cientistas e críticas direcionadas a memética, algumas provocadas pela falta de compreensão de suas bases conceituais e de sua analogia com a biologia evolutiva (TOLEDO, 2013, p. 181), porém, abordá-las com maior profundidade foge do escopo deste trabalho. No que diz respeito ao tema tratado aqui, basta compreendermos o histórico do termo e seu significado original, visto que foi esta a teoria que serviu de inspiração para que estudiosos da comunicação se apropriassem do termo para se referir as montagens que circulam pelas redes, de memes.

2.2 MEMES DE INTERNET

Para a memética, os memes são feitos de informação e podem ser transportados nos mais variados suportes físicos como roupas, músicas, teorias, etc. Por meio da internet, esta ideia passou da esfera conceitual para a realidade viscosa de dados e pixels, transformando-se em algo mais rastreável: um segmento de mídia que se comporta como um vírus sendo copiado rapidamente em processos de mutação. Isso inclui imagens, textos, vídeos, e às vezes uma combinação dos três. O termo meme então

se desdobrou e passou a ser utilizado também, para designar essas novas expressões devido ao seu alto poder de ‘viralização’ e ‘mutação’.

Tendo sua estreia na rede em 1998, ano de criação do site *Memepool*,³ a palavra meme começa a se solidificar como a definição de conteúdos que são viralizados na internet somente a partir de 2012 (MAIA; ESCALANTE; PASSOS, 2013, p. 9). Um pouco antes, a pesquisadora Raquel Recuero em *Redes Sociais na Internet* expõe os paralelos que alguns autores já estavam traçando entre os memes que circulavam pela *web* e os conceitos propostos pelos teóricos da memética.

Sobre os memes de internet, a pesquisadora propôs uma taxonomia de acordo com suas características, inspirada nos critérios propostos por Dawkins. Para a autora, os memes atuam nas redes sociais de acordo com suas particularidades relacionadas principalmente pela competição, pois,

Weblogs competem pela visibilidade, pelos comentários e pela confiança dos leitores (...). Publicar algo em um weblog é construir a si mesmo e apresentar-se aos demais. Deste modo, pode-se dizer que os memes competem entre si pela publicação. A escolha de publicar ou não determinado meme tem um reflexo na rede social, na medida em que está conectada com a visão que os demais terão do blogueiro (RECUERO, 2007, p. 27).

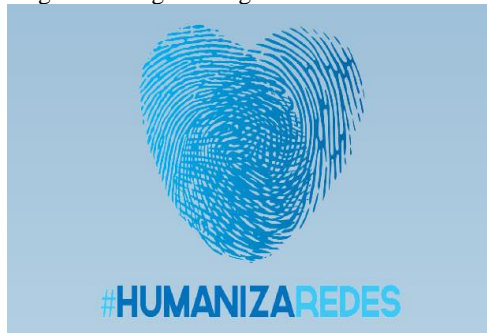
Recuero afirma ainda que é fundamental para o entendimento sobre como estas mensagens se espalham pela *web*, considerar que alguns usuários possuem um capital social com potencial para influenciar na propagação ou não de um meme, podendo inclusive promover determinada mensagem até que ela saia da esfera local e atinja alcance global. A título de exemplo sobre como a popularidade dos “influenciadores digitais” causam impacto no compartilhamento de memes nas redes, temos o caso do meme “#desumanizaredes”.

O portal “Humaniza Redes – Pacto Nacional de Enfrentamento às Violações de Direitos Humanos na internet” é uma iniciativa do Governo Federal, criado em 2013, pela Secretaria de Direitos Humanos e que tem como objetivo proteger as vítimas de ofensas *online* e denunciar a violação de Direitos Humanos. No início de 2015, o apresentador e comediante Danilo Gentili iniciou uma campanha chamada “Desumaniza Redes”, ironizando o Humaniza Redes sob a alcunha da defesa da

³ Site agregador de conteúdos virais.

liberdade de expressão dos internautas. O humorista declarou em seu perfil no *Twitter* que presentearia com um vídeo game *PlayStation 4* quem mais fizesse comentários ofensivos à página criada pelo governo. Os seguidores do comediante passaram então a vociferar ódio contra o projeto do governo, replicando a *hashtag* #desumanizaredes, que rapidamente se disseminou pela internet e memetizou. Além da *hashtag*, outro meme que viralizou neste episódio foi a logo criada pelos seguidores de Gentili para a sua campanha. Enquanto a imagem da logo da campanha Humaniza, era composta por dois polegares formando um coração na cor azul (Figura 3), a logo da Desumaniza, representava dois pênis cruzados na cor vermelha (Figura 4), “ironizando o caráter politicamente correto do Humaniza através da referência fálica” (COHEN; SILVA; DALMOLIN, 2016). A página oficial no *Facebook* do Humaniza Redes foi deletada, e sua substituta conta hoje com tímidos 755 seguidores. Já a página da Desumaniza se mantém ativa e possui mais de 87 mil seguidores. Ao compartilharem estes memes, os usuários compartilham também traços de sua personalidade como afinidades políticas, suas crenças e seu senso de humor. Para Recuero, episódios como o “#desumanizaredes” evidenciam como laços sociais e capitais sociais influenciam o fluxo de propagação de memes na internet.

Figura 3 - Logo da Página "Humaniza Redes"



Fonte: Página do *Facebook* "Humaniza Redes".

Figura 4 – Meme criado a partir da logo da Página "Desumaniza Redes"



Fonte: Página do *Facebook* "Desumaniza Redes"

Embora amplamente conhecidos por suas características humorísticas, Limor Shifman (2014, p. 120) afirma que os memes de internet não estão sempre comprometidos com o humor e que frequentemente trazem abordagens mais sérias em seu conteúdo. No desenvolvimento de seu argumento a autora afirma que memes são “expressões criativas multiparticipativas por meio das quais identidades culturais e políticas são comunicadas” (SHIFMAN, 2014, p. 177) como na categoria por ela proposta de memes políticos. Para a autora, este tipo de meme atua nas redes com a função de persuadir o público, fortalecer ações de base e de expressão política (SHIFMAN, 2014, p. 122). Um exemplo de meme com uma proposta não vinculada ao humor foi o caso do uso da *hashtag* #meuamigosecreto onde mulheres relatavam nas redes sociais episódios machistas vivenciados em seu cotidiano, fazendo emergir na *web* brasileira um debate sobre o tema.

Os dois memes supracitados evidenciam o papel da agência humana em sua propagação, e nos fornecem elementos para discutirmos sobre uma grande polêmica dentro dos estudos de memes: o que diferencia um meme de um viral? Apesar de serem usados corriqueiramente de maneira indistinta, os dois termos não possuem o mesmo significado. O termo viral é frequentemente utilizado para remeter a um conteúdo que se espalhou rapidamente pelas redes. Para Shifman, o meme também possui esta característica, porém o que o diferencia de um viral é a sua variabilidade. A pesquisadora afirma que um viral é uma unidade cultural replicada velozmente na *web*, sem ter o seu conteúdo alterado. Já o meme é uma unidade cultural que além de ser replicada, ganha diversas versões e tem o seu significado alterado e reapropriado. Enquanto um viral pode ser compreendido isoladamente, um meme será sempre um acervo de conteúdos, carregado de sentidos e referências, e

que fora de seu contexto, não possui significado algum, pois “um meme é sempre um contexto”:

[...] O viral compreende uma única unidade cultural (como um vídeo, foto ou brincadeira) que se propaga em muitos exemplares, enquanto um meme de internet é sempre uma coleção de textos. Você pode, por exemplo, identificar um único vídeo e dizer ‘este é um vídeo viral’, sem se referir a qualquer outro texto, mas isso não faz sentido quando é para descrever um meme (SHIFMAN, 2014, p. 56).

Para interpretar um viral, basta que o usuário reconheça os signos que ele representa. O vídeo de um gatinho fofinho viraliza nas redes, simplesmente porque os internautas acharam o gatinho fofinho. O contexto de produção do vídeo não é necessário para a interpretação do viral. O mesmo não poderia acontecer com um meme, pois para identificá-lo é necessário decodificar não apenas os signos que o compõem, mas a narrativa da qual ele faz parte. Os memes anteriormente citados #desumanizaredes e #meuamigosecreto ilustram esta condição, onde a *hashtag* só faz sentido se o usuário está ciente do contexto narrativo destas campanhas, e o mesmo acontece com a interpretação de suas recombinações como o meme da Figura 4, criado a partir da logo da página Desumaniza redes.

Ainda de acordo com Shifman (2014, p. 56), conteúdos puramente virais são cada vez mais raros na internet já que “uma vez que uma foto ou um vídeo atingem certo grau de popularidade na *web*, você pode apostar que alguém, em algum lugar, vai alterá-lo”.

Um exemplo desta dinâmica é o meme “Hitler reclamão”. Em 2006, um trecho do filme “A Queda” (*Der Untergang*, 2004), em que Hitler discute furiosamente com seus generais quando percebe que a guerra está perdida, passou a ser compartilhado nas redes atingindo proporção global. O vídeo começou a ser utilizado em comentários de *posts* nas redes sociais para expressar raiva ou indignação, já que poucas pessoas entendem alemão e sabem de fato o que Hitler está dizendo naquela cena. Não demorou muito, para que versões do vídeo com novas legendas comesçassem a circular na rede. No Brasil as versões mais populares mostravam Hitler reclamando sobre a traumática derrota do Brasil para a Alemanha na Copa do Mundo de 2014, e Hitler reclamando dos governos do Partido dos Trabalhadores (PT). Esse processo de

recombinações durou anos, até que em 2010 a produtora detentora dos direitos autorais do filme determinou que todas as paródias criadas fossem removidas da internet, episódio que deu origem a um meta-meme, onde Hitler reclama da retirada de seus memes da *web*.

Embora o nível de envolvimento por parte dos usuários seja diferente, tanto os memes quando os virais são frutos do engajamento dos usuários das redes e ambos necessitam de um contexto para serem difundidos. Os autores Henry Jenkins, Sam Ford e Joshua Green (2014, p. 47) discordam do uso do termo “viral” e seus correlatos como “viralização”, “contaminação” etc., pois defendem que este tipo de metáfora remete a uma concepção de cultura auto replicante que invisibiliza o papel ativo que o público possui na propagação de conteúdo *online*.

Como substituta, os autores propõem a definição de mídia propagável. Este conceito dá protagonismo ao público dentro de novas formas de comunicação que foram possibilitadas pelo desenvolvimento das tecnologias digitais, se opondo a reconhecer os usuários das redes como indivíduos passivos. Uma mídia propagável não seria apenas uma unidade cultural que se espalha pela rede, mas sim, um conteúdo que desperta engajamento dentro de comunidades, que não se contentam em consumir passivamente informações distribuídas por grandes centros. Uma mídia espalhável é fruto de uma cultura participativa onde os usuários reapropriam e ressignificam alguns conteúdos, criando novos contextos para os mesmos (JENKINS, 2009).

Neste processo de reapropriação e ressignificação os memes adquirem um alto grau de intertextualidade, exigindo múltiplos saberes de quem o lê. Michael Knobel e Colin Lankshear (2007, p. 213) apontam que as características mais recorrentes dos memes são o humor, a intertextualidade e a justaposição anômala. O já citado meme “Hitler reclamão” é um exemplo de meme intertextual. Após a cena original do filme *A Queda* viralizar, vários *remixes* modificando as suas legendas surgiram na internet. É necessário que se conheça o meme original e os eventos que inspiraram as montagens, para que o leitor consiga apreender as referências que os criadores do *remix* utilizaram.

Diversos artefatos culturais são marcados pela intertextualidade, que serão identificados ou não, dependendo do arcabouço cultural do leitor. Para Knobel e Lankshear (2007) os memes são vivenciados pelos internautas e para que haja a compreensão do seu significado, é necessário que os mesmos sejam lidos socialmente e culturalmente. Assim como Shifman, os autores argumentam que os memes tanto apontam tendências culturais, quanto representam a essência da *web*.

2.3 MEMES HISTÓRICOS

Os memes, por conta de seu potencial de divulgação extensiva de conteúdos, seu frequente apelo ao humor e sua tendência em gerar emoções fortes são um artefato cultural adequado para promover visões históricas *online*. Apoiado nos estudos de Shifman (2014), que diferencia memes políticos de um corpo maior de memes de internet, o pesquisador Mikola Makhortykh (2015) propõe identificar memes históricos como uma categoria separada dentre outros conteúdos da *web*. Para Shifman, os memes políticos são formados por unidades de conteúdo digital que compartilham traços comuns em relação a sua forma e conteúdo, e são usados para comunicar identidades de grupos. Assim como os memes políticos, na visão de Makhortykh (2015, p. 67), os memes históricos também comunicam identidades sociais e de grupo, porém o fazem por meio da associação a eventos e personalidades históricas.

Nesta perspectiva, os memes históricos são um subconjunto dos memes políticos, e trazem uma combinação de politização e memorialização dos espaços digitais, propagando visões históricas *online* que contribuem para delinear identidades culturais e políticas por onde circulam. Constantemente focados em memórias traumáticas, os memes históricos além de perpetuar visões históricas *online* muitas vezes atuam também como artefatos culturais que contestam essas visões adotando uma abordagem revisionista (MAKHORTYKH, 2015, p. 73). O pesquisador chegou a esta constatação a partir da análise de memes relacionados à História produzidos na *web* russa, onde ficou evidente um volume expressivo de memes que versavam sobre a participação russa na Segunda Guerra Mundial. O autor defende que a predileção por estes memes, está relacionada ao fato da Segunda Guerra Mundial constituir um dos elementos formadores na identidade nacional russa (MAKHORTYKH, 2015, p. 65).

Na *web* brasileira podemos identificar memes históricos com características que vão de encontro com as afirmações de Makhortykh. Entre os meses de abril e setembro deste ano a Rede Globo exibiu uma série por ela produzida intitulada “Os dias eram assim”. Durante meses, muitos espectadores acompanharam a trama sobre uma história de amor que perdurou por vinte anos, atravessando vários eventos históricos do país, desde a Ditadura Militar até o período de redemocratização. No enredo, a série tentou representar os abusos aos quais alguns personagens que militavam contra a Ditadura eram expostos. Nos horários de exibição da série, diversos usuários começaram a fazer uso de uma *hashtag* homônima a série, para ironizar os crimes cometidos pela Ditadura

Militar. No *Twitter*, a *hashtag* chegou a atingir os *trend topics* diversas vezes, e seu uso em grande parte das vezes vinha acompanhado de memes (BOL, 2017).

Figura 5 - Exemplo do meme “Os dias eram assim”



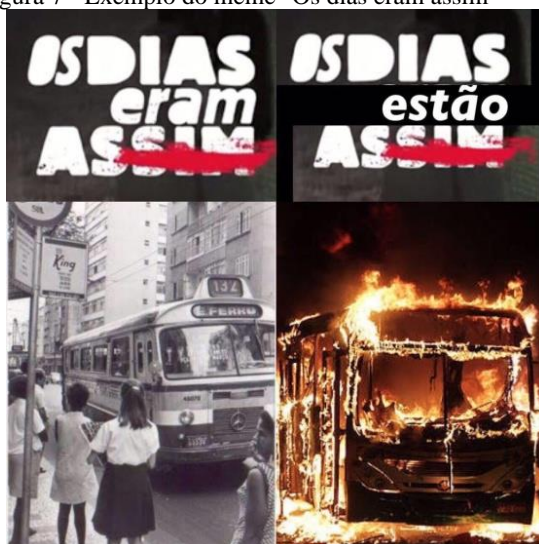
Figura 6 - Exemplo do meme "Os dias eram assim"

Na época da Ditadura
"Os Dias eram Assim..."



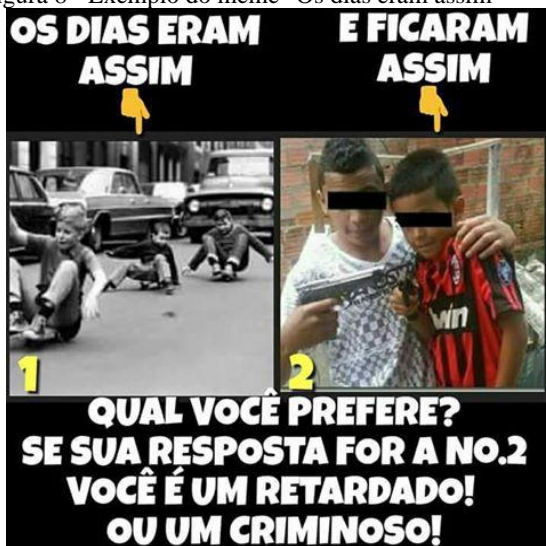
Fonte: arquivo pessoal

Figura 7 - Exemplo do meme "Os dias eram assim"



Fonte: arquivo pessoal

Figura 8 - Exemplo do meme "Os dias eram assim"



Fonte: arquivo pessoal

As mensagens presentes nestes memes tem a clara intenção de mistificar um dos períodos mais obscuros de nosso país. A alusão de que a Ditadura foi violenta apenas para os comunistas (Figura 5), o esforço em rebaixar o sofrimento das vítimas da Ditadura (Figura 6), e a sugestão de que a violência social é decorrência da democratização (Figuras 7 e 8), expressam uma percepção alimentada por posições políticas de extrema-direita e de certa maneira, fomentada por interpretações revisionistas presentes na historiografia.

Memes que contestam visões históricas são tão presentes na *web* brasileira, quanto os que evocam temas sensíveis de nossa história, como a escravidão e o racismo. Em 2015 as redes sociais do Brasil assistiram a um desfile de mensagens intensamente racistas promovidas pela propagação do meme “Nego”. Este meme usa a expressão “nego”, que adquiriu muitos significados ao longo da história, como principal elemento para criar piadas a partir de uma combinação de imagens de pessoas negras em diversas situações que remetem a forma como a expressão “nego” está sendo usada.

Figura 9 - Exemplo do meme "Nego"



Fonte: arquivo pessoal

Figura 10 - Exemplo do meme "Nego"



Fonte: arquivo pessoal

Figura 11 - Exemplo do meme "Nego"



Fonte: arquivo pessoal

Figura 12 - Exemplo do meme "Nego"



Fonte: arquivo pessoal

Figura 13 - Exemplo do meme "Nego"



Fonte: arquivo pessoal

O *remix* presente nestes memes faz uso de uma expressão racista, que é combinada a expressões cotidianas, e ilustrada por imagens que remetem a períodos traumáticos da história do povo negro, como a escravidão (Figuras 9,10 e 11), a segregação racial (Figura 12) e a perseguição por movimentos extremistas (Figura 13). As combinações criadas nestes memes remetem ao racismo histórico presente em nossa sociedade e chocam pela falta de compromisso social de seus criadores e divulgadores.

Os memes das Figuras 9, 10, 11 e 12, são construídos a partir de imagens icônicas amplamente utilizadas no Ensino de História graças a sua força simbólica. Fazer uso deste tipo de imagem para difundir preconceitos pode pulverizar o seu significado histórico. Todavia, o fato deste tipo de imagem ser agenciada para disseminar visões preconceituosas e reducionistas, evidenciam as disputas políticas e sociais que emergem camufladas neste tipo de meme, que de maneira desprezível, pretendem diminuir o significado social das imagens icônicas.

Nem só de memórias traumáticas ou visões revisionistas se faz um meme histórico. As possíveis razões que tornariam um conteúdo mais propenso a se tornar um meme ainda são pouco exploradas dentro dos estudos sobre memética. No caso dos memes históricos, observamos que

seu conteúdo muitas vezes está relacionado a algum meme que se originou na era pré-internet. Conforme já aludido, os memes e até mesmo a sua nomeação, são anteriores a internet.

O meme é sempre um conjunto de textos que se dissemina enquanto é alterado e reapropriado mediante remixagens. Essas são as características dos memes e que de acordo com Shifman (2014) fazem parte de uma lógica hipermemética porque transcendem o mundo digital. As dinâmicas que envolvem a formação de um meme *online*, também estão presentes na moda, no uso de gírias, nos *jingles* de campanhas políticas, nas formas de decorar a casa, etc. Tudo o que pode ser copiado de uma pessoa para a outra por meio da imitação é um meme (BLACKMORE, 1999) e para Shifman (2014) quando isso ocorre fora do ambiente digital, temos um meme *offline* ou pré-internet. Provavelmente o meme *offline* mais popular seja o “*Keep Calm*” que a priori foi um cartaz criado pelo governo britânico durante a Segunda Guerra Mundial, em 1939, para motivar a população e manter a calma durante o conflito (CULTURA INGLESA, 7 nov 2016). Esses memes *offline* se perpetuam nos espaços *online* geralmente acompanhados de alterações de seu significado original devido aos inúmeros processos de *remix* que ocorreram durante sua digitalização. Essas novas colagens usualmente apelam para o humor, criando paródias que ridicularizam o significado original do meme.

Em 1970, o cartunista Jaguar publicou uma montagem no Pasquim a partir do quadro “Independência ou Morte”, de Pedro Américo (Figura 14). Nela, Jaguar adicionou um balão, próximo a D. Pedro I, com a frase “eu quero mocotó”, trecho de uma música de sucesso naquele momento, do cantor Érlon Chaves (PATROCÍNIO, 2012).

Figura 14 - Exemplo de meme *off-line*: Charge criada pelo cartunista Jaguar



Fonte: Patrocínio (2012, *Online*).

Em pleno AI-5, esta afronta contra o civismo brasileiro e ao legado histórico que os militares diziam defender, custou aos editores do Pasquim dois meses de prisão. Esse episódio ficou conhecido como “A gripe do Pasquim”, já que era essa a explicação irônica utilizada no jornal para explicar a ausência de parte da equipe. A popular imagem do “Grito do Ipiranga”, já exaustivamente distribuída em materiais didáticos e reproduzida em diversas mídias, sofreu uma alteração que passou a ser repetida posteriormente por diversos chargistas e atualmente por diversos memistas. Com “A gripe do Pasquim” nascia um meme, que transitou do mundo *offline* para o mundo *online* por conta de uma lógica hipermemética que Shifman (2014) afirma ser inerente aos memes.

Figura 15 - Exemplo de um meme *online* criado a partir de um meme *offline*



Fonte: arquivo pessoal

Figura 16 - Exemplo de um meme *online* criado a partir de um meme *offline*



Fonte: arquivo pessoal

Todos os exemplos de memes citados neste capítulo evidenciam o hibridismo e as diferentes textualidades de sua linguagem. Knobel e Lankshear atestam que apesar da cultura do *remix* não ser uma novidade, a linguagem presente nos memes *online* exige um novo tipo de letramento, que requer não apenas a decodificação de seus símbolos e suas referências, mas também a identificação de problemas éticos e questões sociais que emergem em seus textos (KNOBEL; LANKSHEAR, 2007). É sobre as formas de letramento que envolvem a interpretação de um meme, e sobre como o campo da educação vêm discutindo estes artefatos culturais que nos dedicaremos a seguir.

3. MEMES, ENSINO E HISTÓRIA

Neste capítulo serão apresentados os conceitos de letramento midiático e letramento histórico e suas interseções com o Ensino de História e a memética. Todavia, antes de adentrarmos neste campo, é necessário compreendermos como o encontro entre Memes, Ensino e Ensino de História vêm sendo promovido pelos educadores e pesquisadores da área. A contextualização deste cenário será feita mediante a análise de estudos recentemente publicados que se relacionam a temática de nossa proposta de pesquisa. Há um pequeno volume de textos que relacionam os memes a História ensinada. Tais produções são significativas, porém pouco variam quanto às formas e estratégias recomendadas e buscamos evidenciar quais concepções de ensino e aprendizagem histórica que estes textos expressam. Pretendemos assim, traçar o itinerário teórico que inspirou e sedimentou nossa percepção sobre os memes e solidificou a metodologia de leitura e interpretação de memes no Ensino de História que aqui projetamos.

3.1 MEMES E ENSINO

No intuito de visualizarmos como está o campo de pesquisas relacionado à memes e ensino de História no Brasil realizamos uma busca para encontrar referências em Grupos de Trabalhos e Simpósios Temáticos de eventos nacionais sobre História e Ensino de História tais como: Encontro Nacional Perspectivas do Ensino de História, Encontro Nacional dos Pesquisadores do Ensino de História e o Simpósio Nacional de História (ANPUH), além de um levantamento sobre dissertações e teses vinculadas a esta linha de pesquisa e artigos, que foram rastreados em revistas acadêmicas especializadas em História. Encontrando poucas referências de trabalhos que atrelam os memes ao Ensino de História, refizemos o percurso nos anais dos encontros citados acima e em algumas plataformas de busca de trabalhos acadêmicos como a Sucupira e bibliotecas digitais como a Scielo. Neste momento abrimos o campo de pesquisa para toda e qualquer área que, de alguma forma, estivesse abordando o tema “memes”.

Por meio dos resultados desta nova busca tomamos conhecimento sobre a existência do #MUSEUdeMEMES. Este museu digital foi criado no ano de 2015 pelo professor da Universidade Federal Fluminense Viktor Chagas. Lá, existe um acervo em construção sobre os memes que viralizaram na internet brasileira, entrevistas e artigos com profissionais

que se interessam pelo assunto, além de uma base de referências bibliográficas com cerca de 370 estudos sobre memes.

A grande maioria das referências disponibilizadas pelo museu é formada por estudos de pesquisadores estadunidenses e canadenses. Dos estudos produzidos no Brasil uma parte expressiva aborda a relação entre memes e cultura política e memes e psicologia social. No mais, os trabalhos se dividem em propostas relacionando à produção de memes na internet brasileira a sociobiologia, a cultura popular, a teorias narrativas e ao *marketing*.

Na análise das referências disponíveis no #MUSEUEMEMES de pesquisadores brasileiros percebemos que os eixos temáticos mais explorados estão relacionados aos seguintes temas: política, memética, ensino, intolerância e histórias em quadrinhos.

O eixo temático identificado entre os trabalhos disponíveis na plataforma do museu que mais se aproximam desta pesquisa são os textos que exploram as possibilidades do uso de memes como recurso didático. A metade das referências encontradas que estão pensando o uso de memes no ensino é da área de linguagens. Marcos Vinícius Ferreira Passos (2012), em seu artigo intitulado *O gênero meme em propostas de produção de textos: implicações discursivas e multimodais* estuda as possibilidades do uso de memes como exemplos de textos multimodais, que podem ser utilizados em aula para motivar discussões linguísticas, discursivas e sociais, na construção de temas para produção de textos nas aulas de redação do Ensino Médio. Inspirado em Paulo Freire, o autor aborda a importância da valorização do conhecimento prévio dos discentes e de como o uso de formas alternativas de construção de texto, que já fazem parte das práticas sociais dos estudantes, podem promover importantes reflexões sobre as linguagens, suas funções e seus usos. Os estudantes do Ensino Médio costumam ver a produção de textos nas aulas como um castigo ou um martírio e este mecanismo que Passos propõe para utilizar as linguagens digitais como ponto de partida para a produção textual escolar, promove não só uma compreensão linguística e discursiva da contemporaneidade, como também uma problematização sobre os modos como são construídos os textos multimodais das mídias digitais hoje. Carlos Fabiano de Souza também propõe o uso de memes como exemplos de textos multimodais nas aulas de português afirmando que:

Em tempos de alunos pertencentes à Geração Digital, práticas de ensino-aprendizagem de língua portuguesa devem se constituir, essencialmente, num espaço que privilegia as diversidades de

linguagens, permitindo que nossos educandos se tornem protagonistas na construção de conhecimentos significativos, reconhecendo, assim, o papel que esses ocupam como produtores e consumidores de bens culturais em novas mídias (SOUZA, 2014, p. 01).

Por meio da leitura de um artigo do pesquisador Felipe Aristimuño (2014), tomamos conhecimento sobre um programa chamado “Educação visual em mídia social” criado dentro do doutoramento em arte e multimídia da Escola de Belas Artes da Universidade de Lisboa. Neste programa, educadores de artes propõem o estudo de memes como expressão da cultura popular dentro de sua disciplina, investigando acerca das linguagens visuais utilizadas nas mídias sociais, observando suas potencialidades criativas e formadoras de identidade na educação básica. Utilizando como objeto de análise uma pequena amostra de memes extraídos de fóruns de debates em redes sociais Aristimuño (2014, p. 07) tenta responder a questão: “podem ser os memes da internet elementos significativos para o ensino da arte na educação básica, entendendo-os como signos visuais e sonoros que representam e participam na criação das identidades adolescentes?”. Ainda segundo o autor, as temáticas, ou imaginários emergentes que figuram nas imagens apresentadas em seu artigo (representando à cultura da celebridade, a política/corrupção, a religião e a identidade de gênero/sexualidade), sugerem-nos que existe no meme a potencialidade de inserção curricular transversal na educação básica, nos contextos do Brasil e Portugal.

Beneficiar-se da análise de memes para a construção de práticas educativas transdisciplinares também é proposta por Raphael Alves da Silva (2016). Para ele, a desigualdade, os preconceitos de gênero, classe, orientação sexual e de raça, presentes no mundo real, se manifestam nas redes sociais, com bastante recorrência e intensidade. Sobre essas manifestações, os educadores precisam atuar de maneira combativa. Pensando assim, os memes passam a ser vistos como produções que alimentam e se retroalimentam de significados daquilo que está posto na sociedade, pois eles promovem, através de colagens muito rápidas, um jogo de ideias que pode ser bastante rico, quando bem utilizado nos espaços de aprendizagem.

Por fim, o último trabalho a ser comentado aqui que relaciona o uso de memes ao ensino é do pesquisador Paulo Farias Gonçalves que procurou discutir os modos como os memes estão representando a Matemática e algumas potencialidades desses recursos para a Educação

Matemática, a partir da coleta e análise de memes em páginas da rede social *Facebook* relacionadas à disciplina. Ao analisar os memes que tinham como tema principal a Matemática, o autor percebeu finalidades diversas, ligadas: a apresentação de desafios matemáticos, informações históricas, de fórmulas, de curiosidades e para o entretenimento. No que se referem as suas potencialidades para a Educação Matemática, Gonçalves (2016) afirma que os memes podem se constituir como enunciados de questões, elementos para instigar discussões na formação pedagógica, histórica e filosófica relacionadas à Matemática e ainda para memorização de conceitos.

Por ser um fenômeno recente ainda são poucos os estudos sobre o uso de memes na Educação. As abordagens realizadas nas pesquisas citadas acima mostram que as possibilidades de uso das linguagens de internet em aula são variadas e apresentam um grande potencial interdisciplinar e transdisciplinar o que é muito desejado nas práticas escolares.

3.2 MEMES E ENSINO DE HISTÓRIA

Nos primórdios da presente pesquisa a única referência encontrada relacionando memes e Ensino de História, foi o artigo *O sequestro do imaginário e a escrita da História: o caso dos memes históricos e as recepções do nazismo* das autoras Caroline Alves Marques Mendes e Marcella Albaine Farias da Costa (2016), onde relatam os resultados sobre uma prática por elas desenvolvida que envolve a criação de memes históricos por estudantes do primeiro ano do Ensino Médio. No início do ano letivo de 2016 os estudantes foram incentivados a produzirem memes que de alguma forma transmitissem mensagens relacionadas ao conhecimento histórico. Os memes criados pelos estudantes foram utilizados pelas autoras para perceber os seus conhecimentos prévios sobre conteúdos históricos.

Visou-se estabelecer a conexão entre uma forma alternativa de escrita da História escolar e a criatividade dos jovens estudantes que estão acostumados a compartilhar memes em suas redes sociais para que, desta forma, pudesse ser observado aquilo que mais forte estava em seus imaginários construídos ao longo dos anos anteriores no sistema escolar (MENDES; COSTA, 2016, p. 57).

A experiência da produção dos memes evidenciou a preferência dos estudantes pelo tema da Segunda Guerra Mundial, e a partir de então foram tecidas considerações sobre como este favoritismo poderia ser problematizado em sala de aula. A intenção desta proposta era a de estimular a autorreflexão sobre assuntos que, por serem excessivamente explorados pela mídia, são naturalizados pelos historiadores/educadores.

O trabalho supracitado inaugurou no país uma área de estudos que explora as possibilidades didáticas do meme no Ensino de História. No período de desenvolvimento de nossa pesquisa nos mantivemos atentos às publicações de trabalhos em anais de encontros das áreas de Educação, História, e Tecnologias, e identificamos neste trajeto novas propostas que relacionam a memética ao Ensino de História evidenciando um crescimento pequeno nesta área, mas muito significativo.

A educadora Fabiana Dantas (2017), durante seu estágio de docência ligado ao curso de Licenciatura em História da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, propôs uma intervenção pedagógica inserindo os memes históricos nas aulas de uma turma do 9º ano da Escola Municipal Professor Salustiano Medeiros, localizada no município de Currais Novos/RN. As aulas de intervenção elaboradas por Dantas versavam sobre a Guerra Fria. Um conjunto de memes disponíveis na internet foi previamente selecionado pela educadora, que por uma série de limitações de infraestrutura da escola, precisou imprimi-los em folhas A4 para que os estudantes tivessem acesso aos mesmos.

A dinâmica adotada propunha que os estudantes fossem incentivados a buscar relações entre a explanação de Dantas sobre a Guerra Fria, e as mensagens contidas nos memes que haviam sido entregues anteriormente. Para a autora, a vantagem do uso de memes enquanto recurso didático consiste no fato de que os estudantes possuem uma relação próxima a sua linguagem, visto que são propalados em uma proporção e velocidade considerável nas redes sociais (DANTAS, 2017, p. 1319), e seu uso desponta como uma alternativa promissora no movimento de inserir a análise de imagens no Ensino de História.

Também proveniente da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, a educadora Alessandra Michelle Alvares Andrade (2017) recomenda práticas que envolvam a produção de conteúdos digitais como os memes nas aulas de História. Inspirada nos conceitos de Marc Prenski, a pesquisadora percebe os estudantes em sua condição de nativos digitais, dada à fluidez e naturalidade com que esta geração, que cresceu meio aos avanços tecnológicos, interage com as novas mídias. O desinteresse dos estudantes em relação ao livro didático, em contraste com a desenvoltura e empolgação dos jovens no manuseio de *smarthphones*, motivou Andrade

a elaborar uma prática que envolvesse a produção de memes a favor do Ensino de História. A autora afirma que...

[...] desta forma o ensino de história passará a ser significativo, visto que o professor associa os conteúdos aos interesses dos alunos da educação básica na atualidade. Como consequência deste processo teremos a construção do conhecimento histórico a partir da apropriação de hábitos dos alunos no uso da internet, redes sociais e celulares smartphones. Assim, para a elaboração do meme, o aluno necessitará de pesquisa e leitura, levando-o a um estado de busca por conhecimento no intuito de produzir o material digital, o qual poderá ser exposto em uma plataforma digital (...) de forma sequenciada de acordo com as aulas ministradas (ANDRADE, 2017, p. 07).

Utilizar os memes para tornar a disciplina de História mais atrativa e significativa aos alunos também é o objetivo das educadoras Denise Peruzzo Rocha Cavalcanti e Rita Melissa Lepre (2018) da Universidade Estadual Paulista. Procurando traçar um paralelo entre memes com conteúdo histórico e as discussões realizadas nas aulas de História, as pesquisadoras pretendem possibilitar que os estudantes criem seus próprios memes relacionados aos assuntos estudados. Uma prática educativa desta forma estruturada:

Seria um momento de troca de experiências e práticas principalmente entre docente, munido de uma formação que tende a uma postura parceira e mediadora na aquisição crítica e consciente de conhecimentos e, discentes, com desenvoltura tecnológica mais hábil e atualizada em comunidades virtuais e redes sociais (CAVALCANTI; LEPRE, 2018, p. 02).

A partir da leitura destes artigos, podemos perceber algumas convergências nas propostas que associam os memes ao Ensino de História, e que estão, lentamente, sendo publicadas no Brasil. O primeiro ponto em comum destes trabalhos está relacionado ao fato destas educadoras perceberem o meme como um recurso versátil podendo ser acionado em diversos momentos de uma sequência didática, tanto no levantamento de conhecimentos prévios dos estudantes, como em uma

maneira de estimular a atenção e discussões sobre o tema da aula ou mesmo como instrumento de avaliação da aprendizagem (CAVALCANTI; LEPRE, 2018, p 03). Estas publicações trazem em comum também, a percepção de que os estudantes possuem grande intimidade com as novas tecnologias e o seu letramento em relação a elas é um argumento mobilizado para recomendar o encontro entre memes e o Ensino de História.

Estes trabalhos reconhecem que há uma crescente produção de memes históricos na internet e que estes devem ser inseridos no contexto escolar, porém, nenhuma destas autoras apresenta uma proposta de conceito do que viria a ser um meme histórico e o que o diferencia do outro corpo de memes presente nos espaços online. Ao mesmo passo, estas experiências relatadas evidenciam um incentivo a produção de memes nas aulas de História, contrastando com a ausência de uma discussão sobre os procedimentos narrativos do meme.

Afinal, como se lê um meme? Quais são os elementos narrativos utilizados para compor estas peças digitais? Quais estratégias devem ser mobilizadas para relacionar o conteúdo do meme ao seu contexto histórico de produção? Pensamos que estes questionamentos são fundamentais para que os estudantes estejam atentos e evitem simplificações, generalizações e replicação de preconceitos ao produzirem um meme e divulgá-lo na rede.

Os relatos de experiência destas educadoras apontam para um entusiasmo na inserção dos memes nas aulas de História e apresentam diversas lacunas no que tange as metodologias adotadas. O que é perfeitamente compreensível, já que este recurso didático ainda é pouco utilizado, e esta área de pesquisa, por estar despontando agora, ainda não dispõe de um aparato teórico próprio que auxilie os professores a pensar os memes enquanto fontes históricas. Pretendemos com a pesquisa aqui exposta fazer uma pequena contribuição neste sentido, principalmente no que se refere à conceituação dos memes históricos e na proposta de uma metodologia de leitura para os mesmos.

A nossa própria trajetória de experimentações que buscaram promover o uso de memes nas aulas de História foi marcada por atropelos e erros cometidos no manejo desta linguagem. São estas experiências que compartilharemos agora.

3.3 NOSSA EXPERIÊNCIA COM O USO DE MEMES NO ENSINO DE HISTÓRIA

Em junho de 2016 o portal do jornal *El País* Brasil divulgou uma matéria relatando uma prática inovadora criada pela professora chilena Jacqueline Bustamante em suas aulas de línguas e comunicação (RODRÍGUEZ-PINA, 2016). Após a leitura do romance *Cem Anos de Solidão* Bustamante pediu, como método de avaliação da disciplina, que suas alunas criassem memes sobre a obra de Gabriel Garcia Márquez. Captando a essência de determinados momentos da narrativa da obra, os memes produzidos pelas estudantes foram publicados na rede social *Facebook* e rapidamente viralizaram na rede. A este tempo, já vínhamos observando com bastante atenção a maneira como nossos estudantes interagiam com memes em suas redes sociais, e participávamos de um projeto de leitura na Escola de Educação Básica de Araranguá, SC, que envolvia as disciplinas de História e Língua Portuguesa. O projeto propunha, ao longo do ano letivo, a leitura mediada de duas obras literárias que se relacionavam com o conteúdo estudado na disciplina de História. Quando, por meio da reportagem do jornal *El País*, tomamos conhecimento sobre a experiência de Bustamante, nossas turmas de primeiros anos do Ensino Médio, haviam recém-concluído as leituras das adaptações em prosa e em história em quadrinhos do poema *Ilíada* de Homero. Imediatamente nos inspiramos na educadora chilena e começamos a pensar em uma forma de atrelar a produção de memes ao nosso projeto de leitura. Após uma aula expositiva onde foi lida coletivamente a reportagem sobre a experiência de Bustamante, mostramos brevemente como utilizar um gerador de memes disponível na *web*, e então, solicitamos que os estudantes produzissem memes sobre a *Ilíada*. Os estudantes demonstraram empolgação com a proposta e após o prazo combinado, recebemos os memes produzidos por cinco turmas de primeiros anos da EEB Araranguá. Tanto os trabalhos entregues quanto os que não foram entregues, nos suscitaram inúmeros questionamentos.

Uma parcela mínima dos estudantes conseguiu produzir memes que expressavam trechos da narrativa da *Ilíada* de forma criativa. Os casos com melhor desempenho utilizaram o gerador de memes que indicamos, como os da Figura 17 e 18. Nestes geradores, basta escolher a imagem que servirá de base (que pode ser do banco de imagens do gerador ou qualquer outra imagem que o usuário queira utilizar), digitar a legenda e criar o meme. Mesmo sendo um aplicativo de fácil manuseio, vários estudantes não conseguiram utilizá-lo. Alguns apresentaram dificuldades ao enviar os trabalhos porque não sabiam anexar arquivos em mensagens

de *email*. Outros, sequer sabiam se possuíam *email*, apesar de utilizarem algum correio eletrônico para acessar redes sociais como o *Facebook* com bastante frequência.

Figura 17 – Exemplo de meme produzido por estudante para o projeto de leitura



Fonte: arquivo pessoal

Figura 18 - Exemplo de meme produzido por estudante para o projeto de leitura



Fonte: arquivo pessoal

Entre os trabalhos recebidos, um pequeno número chamou atenção pelo teor de seu conteúdo. Alguns memes produzidos pelos estudantes vieram carregados de preconceitos (Figura 19) que estão enraizados no imaginário social, como o machismo, por exemplo, evidenciando como determinadas formas de pensar arraigadas em nossa sociedade se reproduzem massivamente por meio destas peças digitais. Há tempos vínhamos acompanhando as formas de comunicação violenta desenvolvidas por nossos jovens nas redes sociais. Memes desse gênero tem presença constante nestas práticas e quando passamos a receber obras meméticas com este viés, nossas preocupações em relação a esta linguagem foram reforçadas.

Figura 19 – Exemplo de meme machista produzido por estudante para o projeto de leitura



Fonte: arquivo pessoal

Nosso objetivo com esta prática era o de incentivar a criatividade, tornar as aulas de História mais atrativas e ampliar o uso de ferramentas tecnológicas. Porém os resultados alcançados ficaram muito aquém do esperado. As carências dos estudantes no manejo das tecnologias evidenciaram o fato de que crescer em meio ao desenvolvimento tecnológico não garante que todos os membros desta geração tenham acesso ou mesmo saibam manusear estas ferramentas de maneira pró-ativa. A disputa pela atenção dos estudantes que vivem hipnotizados pelos

seus aparelhos celulares é uma constante no cotidiano da maioria dos educadores, e incorporar estas tecnologias ao espaço escolar por meio de atividades pedagógicas, muitas vezes se apresenta como uma saída. No entanto, essa atividade de produção de memes sobre a *Ilíada*, e diversas experiências anteriores relacionadas ao uso de tecnologias que tivemos, torna notória a precariedade da relação de grande parte dos nossos estudantes com estes recursos. Seu uso frequentemente fica limitado ao acesso de aplicativos como o *Whatsapp* e redes sociais como o *Facebook*, o que torna este cenário ainda mais crítico visto que alguém que não domina o manuseio das ferramentas que estes espaços oferecem, muito provavelmente também apresenta dificuldade em compreender as dinâmicas de funcionamento destes locais e os conteúdos veiculados por eles.

De saldo, esta experiência demonstrou que fazer uso dos memes enquanto recurso didático é um movimento muito mais complexo do que parece. Produzir um meme envolve um conjunto de saberes relacionado ao manuseio de recursos tecnológicos e nem todos os estudantes possuem estas habilidades. Portanto, ao propor uma atividade deste gênero o educador deve de antemão garantir que os estudantes acessem estes saberes. Pareceu-nos também ser precipitado incentivar a produção de memes antes de fazermos uma discussão mais aprofundada sobre sua linguagem e as possíveis simplificações, anacronismos e produções de sentido que suas mensagens podem veicular. Sendo assim, esta vivência foi fundamental para que em momentos futuros pudéssemos apurar este tipo ação.

Conforme citado anteriormente o ingresso no ProfHistória nos permitiu entrar em contato com uma seara de saberes que foram essenciais para a estruturação de experimentos mais assertivos envolvendo memes como o descrito a seguir.

No primeiro semestre de 2017 cursamos a disciplina Ensino d(e) História Indígena, oferecida como eletiva pelo ProfHistória UDESC e ministrada pela professora Luisa Tombini Wittmann. O curso tinha entre seus objetivos a construção, por parte dos mestrandos, de materiais didáticos que atendessem as necessidades relacionadas ao cumprimento da Lei 11.645/08. O material didático que propomos junto às colegas Jaqueline Marquardt e Viviane Moreira foi um guia para o uso de memes no Ensino de História Indígena (Anexo A). O guia pretende expor os preconceitos mais recorrentes direcionados aos povos indígenas do Brasil visando questionar estes preconceitos por meio de imagens que fazem parte da cultura visual dos estudantes.

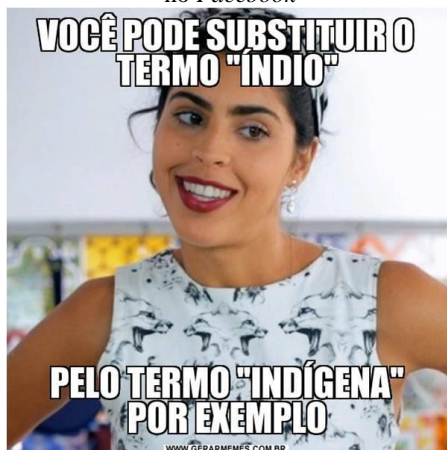
O escopo deste material didático consiste em dois conjuntos de memes: memes preconceituosos e memes problematizadores. O primeiro conjunto pretende expor os preconceitos mais recorrentes direcionados aos povos indígenas do Brasil enquanto o segundo visa questionar estes preconceitos alavancando o debate junto aos estudantes sobre os mesmos. Após a análise coletiva dos dois grupos de memes, e do educador ter demonstrado que um meme pode servir tanto para propagar quanto para questionar discursos preconceituosos, a última etapa desta prática consiste na criação, por parte dos estudantes, de memes sobre os aprendizados que eles obtiveram através dos debates mediados. Nesta oficina de memes, recomendamos que o professor auxilie os participantes na utilização dos geradores de memes *online*, que podem facilmente ser acessados pelos aparelhos celulares dos estudantes ou na sala de informática da escola.

Justamente por seu caráter nato de replicação e viralização, os memes vêm sendo utilizados para se perpetuar discursos conservadores e preconceituosos nas redes. O que propomos nesta prática é o engajamento na produção de memes que realizem um movimento contrário a este, atuando especificamente na desconstrução de estereótipos e preconceitos contra as populações indígenas de nosso país. Para tanto, solicitamos aos educadores que após a utilização deste material, compartilhassem os memes produzidos pelos seus estudantes, na página que criamos para divulgar o guia no *Facebook*.⁴ Nossa intenção com a página, além de disponibilizar o material referenciado, era a de criar um acervo de memes voltados para o Ensino de História Indígena desenvolvido coletivamente por professores comprometidos na efetivação da Lei 11.645/08 que estabelece a obrigatoriedade do estudo da História e cultura indígena na educação básica. Esta página hoje conta com cerca de mil *likes* e seguidores, e vários educadores já compartilharam conosco os memes produzidos em suas oficinas nos gerando grande contentamento (Figuras 20, 21, 22 e 23). A produção do guia de memes voltados para o Ensino de História Indígena representou para nós um passo importante no sentido da criação de uma metodologia que abrace as potencialidades de diferentes letramentos que a interpretação de um meme oferece.

4

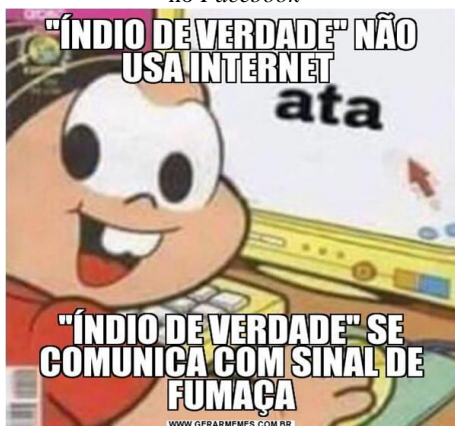
https://www.facebook.com/search/top/?q=%40ensinodehistoriaindigena&epa=SEARCH_BOX

Figura 20 – Exemplo de meme compartilhado por educadores em nossa página no *Facebook*



Fonte: Página do *Facebook* @ensinodehistoriaindigena

Figura 21- Exemplo de meme compartilhado por educadores em nossa página no *Facebook*



Fonte: Página do *Facebook* @ensinodehistoriaindigena

Figura 22 - Exemplo de meme compartilhado por educadores em nossa página no *Facebook*



Fonte: Página do *Facebook* @ensinodehistoriaindigena

Figura 23- Exemplo de meme compartilhado por educadores em nossa página no *Facebook*



Fonte: Página do *Facebook* @ensinodehistoriaindigena

O arcabouço teórico que construímos ao longo deste mestrado nos deu a envergadura necessária para lapidarmos nossas práticas envolvendo memes e a História ensinada. Conforme relatamos, a partir dos artigos publicados que relacionam memes e Ensino de História e de nossa própria experiência, os processos de didatização do conhecimento histórico a

partir da utilização dos memes, são calcados na percepção de que estes servem para ilustrar conteúdos, facilitar o acesso aos conceitos históricos, dinamizar a aprendizagem, etc. Embora este seja um caminho pedagógico válido, a utilização de memes no ensino deve estar para além do relance que os percebe apenas como mecanismos atraentes para superar os métodos tradicionais de Ensino de História.

Os memes são blocos culturais difundidos por agente humanos ativos. Eles são peças fundamentais hoje no processo de difusão cultural e em torno de suas mensagens usuários constroem teias de significados e fortalecem estruturas de pensamentos. Sendo assim é fundamental que os memes sejam analisados como fontes históricas e que os educadores da área façam uso do repertório memético disponível nas redes para capacitar os estudantes sobre os usos da História e suas intencionalidades, colaborando para o seu processo de letramento histórico. Servir-se dos memes para conscientizar os estudantes sobre as suas responsabilidades *online*, qualifica-los na condição de consumidores e produtores críticos de mídia, atentar para como as informações que consumimos nas redes afetam nossas crenças, nossas percepções sobre os outros, e de como estas percepções participam da criação de estereótipos, é também uma estratégia em direção ao letramento midiático de nossos estudantes. Dedicaremos nossa atenção agora sobre os conceitos de letramento histórico e letramento midiático e a suas contribuições para a presente pesquisa.

3.4 LETRAMENTO MIDIÁTICO E LETRAMENTO HISTÓRICO

Conforme afirmamos no capítulo anterior, ler e interpretar um meme requer uma série de capacidades cognitivas que envolvem a decodificação dos vários símbolos e referências que compõe a sua narrativa. Novas formas de letramento estão emergindo nos espaços digitais e o usuário que dispõe destas habilidades melhor usufrui dos recursos disponibilizados nos ambientes *online*. Entretanto, qual o significado e a origem do termo letramento?

Para Luciana Piccoli (2010) diversos pesquisadores hoje travam um debate sobre as suas interpretações referentes ao conceito de letramento e sua diferenciação em relação ao termo alfabetização. De acordo com a autora, a tradução do termo *literacy* aqui no Brasil se difere da versão utilizada em Portugal. Enquanto lá, *literacy* foi tomado como literacia, aqui no Brasil as traduções do termo oscilam entre alfabetização, alfabetismo, letramento ou cultura escrita. Piccoli sugere que a aquisição

de um sistema escrito envolve, além de saber ler e escrever, a apreensão de práticas sociais, históricas, políticas e culturais que giram em torno da leitura e da escrita (PICCOLI, 2010). A pesquisadora observa que a definição que ela propõe para o termo letramento, se relaciona ao conceito de alfabetização na perspectiva de Paulo Freire. O educador argumenta que “a leitura da palavra não é apenas precedida pela leitura do mundo, mas por certa forma de ‘escrevê-lo’ ou de ‘reescrevê-lo’, quer dizer, de transformá-lo através de nossa prática consciente” (PICCOLI, 2010, p. 260). Sendo assim, para Freire a alfabetização não está restrita ao aprendizado da leitura e da escrita. Para o autor ler é um ato político e social e o domínio de seus códigos atua no exercício de pensarmos e opinarmos sobre o mundo em que vivemos.

Por este mesmo prisma, Angela Kleiman (2005, p. 18) reitera que o letramento envolve um conjunto de habilidades e competências necessárias para a realização de atividades cotidianas e adverte que “o letramento é complexo, envolvendo muito mais que uma habilidade ou uma competência do sujeito que lê. Envolve múltiplas capacidades e conhecimentos para mobilizar estas capacidades” e nem todas elas possuem uma relação direta com a leitura. A interpretação de Kleiman converge com a de Jay Lemke (2010) que afirma que letramentos são construídos socialmente de forma mútua, e cada um deles tem vários tipos dentro de si. Conforme o autor,

Letramentos são legiões. Cada um deles consiste em um conjunto de práticas sociais interdependentes que interligam pessoas, objetos midiáticos e estratégias de construção de significado. Cada um deles é parte integral de uma cultura e de suas subculturas (LEMKE, 2010, p. 455).

A defesa de Lemke sobre o conceito de letramento se relaciona com a definição de letramento midiático, que envolve o uso concomitante de diferentes mídias (sejam elas tradicionais ou digitais) por um sujeito que além de hábil na utilização e produção de mídias é também crítico em relação ao que produz, consome e transmite mediante elas.

O letramento midiático também pode ser compreendido como a competência de “participar dos processos democráticos de construção e sistematização de conhecimento, especialmente na escola, mediante a apropriação dos canais de comunicação que a *web* disponibiliza” (ANDRADE, PISCHETOLA, 2016, p. 03), sobretudo em uma conjuntura

onde estes mesmos canais podem propagar valores antidemocráticos. No artigo *Educação para a leitura crítica da mídia, democracia radical e reconstrução da educação* os autores Douglas Kellner e Jeff Share (2008) apontam que o letramento midiático ou a alfabetização crítica para as mídias...

[...] está atrelada ao projeto de democracia radical e preocupa-se em desenvolver habilidades que intensifiquem a democratização e a participação cívica. Ela tem uma abordagem abrangente que envolve o ensino de habilidades críticas e de uso de mídia como instrumentos de comunicação social e mudança. As tecnologias da comunicação estão ficando cada vez mais acessíveis a jovens e cidadãos comuns e pode ser usada para promover a educação, a auto-expressão democrática e a justiça social. Existem as tecnologias que poderiam produzir o fim da democracia participativa, transformando a política em espetáculos da mídia, numa batalha das imagens, e fazendo dos espectadores consumidores passivos. Estas podem também ser usadas para estimular o debate democrático e a participação (KELLNER; SHARE, 2018, p. 18).

Sendo assim, um caminho possível para os educadores que pretendem contribuir para o letramento midiático de seus estudantes, seria a inclusão em suas práticas, de críticas a preconceitos que tendem a se manter cristalizados em nossa sociedade como o racismo, machismo, homofobia e diversos outros que são constantemente propagados pelas mídias, sejam elas tradicionais ou digitais. Concomitantemente, deve haver o incentivo aos estudantes para que estes criem seus próprios artefatos midiáticos para se contrapor a perpetuação destes preconceitos. A educação midiática deve ser relacionada à educação para a democracia, instigando os jovens a se manterem atentos e participativos em sua sociedade (KELLNER; SHARE, 2018, p. 22). Kellner e Share fortalecem este prisma sustentando que:

Quando a mídia é vista como janelas simplesmente transparentes, as mensagens ficam neutralizadas, nós ficamos complacentes e a democracia deixa de ser representativa. Nossa dependência da mídia nos leva a renunciar à nossa participação ativa e nossos

deveres cívicos de questionar, desafiar e corrigir injustiças sociais. A democracia radical depende de indivíduos que se preocupem uns com os outros, se envolvam em questões sociais e trabalhem juntos para construir uma sociedade mais igualitária e menos opressiva (KELLNER; SHARE, 2018, p. 20).

Tomando como exemplo os memes que apreciamos no capítulo anterior, a partir do exame minucioso de suas mensagens, defendemos que estas obras meméticas oferecem diversas representações sobre as construções de sentido referentes ao passado e ao presente. Distanciando-nos do olhar comum que os percebe como expressões da cultura popular repletos de banalidades, identificamos na intertextualidade dos memes questões complexas que amplificam a linguagem por meio da qual discutimos política. Memes como os que analisamos fornecem um terreno frutífero para que professores e estudantes examinem seu poder de influência, as ideias que transmitem em suas mensagens e travem debates sobre as interpretações particulares dos membros da classe. Este tipo de dinâmica, além de contribuir para o entendimento dos estudantes sobre uma série de questões sociais, tem o potencial de politizar as suas mensagens. Dotados da combinação das habilidades analíticas para desconstruir os produtos das novas mídias, somada as habilidades artísticas e técnicas, a construção de mensagens alternativas e anti-hegemônicas por parte dos jovens se torna um processo natural (KELLNER; SHARE, 2018, p. 20).

Portanto por meio de práticas que visam o letramento midiático, espera-se que os estudantes sejam capazes de compreender e criticar sistemas de poder e injustiças, impulsionando novas práticas, valores e formas de pensar (KNOBEL; LANKSHEAR, 2007). A análise de memes pode contribuir tanto para o letramento midiático, quanto para o letramento histórico, pois no relevo de suas narrativas, há indícios das disputas, procedimentos e metodologias que envolvem o fazer histórico.

De acordo com Paulo Raphael Feldhues, emergia no pós-guerra na área das ciências naturais, uma ampla discussão sobre a relevância de uma literacia científica nos espaços escolares, que contribuisse para que estudantes estivessem capacitados a participar de debates sobre ciência e tecnologias (FELDHUES, 2017). Na esteira destes debates, no final da década de 1980, estudiosos do campo de Ensino da História europeus caminhavam para o entendimento de uma literacia histórica, guiada pelas habilidades específicas da disciplina.

Em suas reflexões sobre as funções do saber histórico, o autor Jorn Rüsen apontou uma cisão entre a História e a Didática da História. Para o autor a partir do século XIX, enquanto a ciência histórica se empenhava em reflexões teóricas sobre a escrita da História, a disciplina da Didática da História foi se distanciando de seu caráter científico. A partir dos estudos de Rüsen, e outros autores como Karl Ernst Jeissmann e Klaus Bergmann, este vínculo é reestabelecido, e a Didática da História passa a ser considerada uma subdisciplina em diálogo com a Teoria da História, tendo seu campo de atuação expandido para além da história escolar.

Não mais ocupada apenas com métodos de ensino e aprendizagem, a Didática da História, agora promovida a ciência do aprendizado histórico, tem como seu principal objeto de estudo a consciência histórica, que é entendida por Rüsen (2011, p. 57) como “a soma das operações mentais com as quais os homens interpretam sua experiência de evolução no tempo, de seu mundo e de si mesmos” conseguindo assim orientar sua vida prática no tempo. Assim sendo, a Didática da História passa a se dedicar ao estudo de...

[...] Todas as formas e funções do raciocínio e conhecimento histórico na vida cotidiana, prática. Isso inclui o papel da História na opinião pública e as representações nos meios de comunicação de massa; ela considera as possibilidades e limites das representações históricas visuais em museus e explora diversos campos onde os historiadores equipados com essa visão podem trabalhar (WANDERLEY, 2016, p. 38-46).

Além de tratar da propagação do conhecimento histórico e de como o passado é mobilizado por diversos interesses, como especificidade a Didática da História se ocupa da cognição histórica e sobre o papel da História nas vivências dos sujeitos. Rüsen afirma que o aprendizado histórico não está restrito a aquisição e acumulação de informações sobre o passado, mas sim, por meio dos arranjos mentais que o sujeito opera para situar-se na vida prática e no tempo. De acordo com o autor, é a narrativa histórica que proporciona esse sentido de orientação para os sujeitos. Ela confere sentido à experiência temporal, articulando a memória da experiência do tempo passado, tornando compreensível o tempo presente e criando certa expectativa para o tempo futuro. Portanto, a narrativa histórica, é o procedimento mental básico de todo o aprendizado histórico e a manifestação mais concreta da consciência

histórica, sendo convincente, à medida que atinge os sujeitos e supre suas carências de orientação latentes na cultura histórica.

As reflexões supracitadas serviram de base para que nos anos de 1990, Peter Lee (2006, p. 03) formulasse o conceito de literacia histórica. Para o autor “a consciência histórica, tal como percebida por Rüsen, deveria ser desenvolvida ainda no ensino escolar, oferecendo aos estudantes um sentido prático ao conhecimento em História”. Baseado nas ideias de Barca, o autor afirma que:

Literacia histórica, portanto, pode ser entendida como o conjunto de competências avançadas que permite ao indivíduo realizar uma leitura do mundo à sua volta, inserindo-o neste e projetando alguma forma de futuro, à luz de experiências humanas passadas (LEE, 2006, p. 07).

Neste mesmo entendimento, para ser historicamente letrado o sujeito precisa ser capaz de orientar-se no tempo a partir da construção de uma imagem do passado e ser hábil em desenvolver explicações e narrativas sobre o passado, organizando o passado entendido e tornando esse conhecimento do passado possível (LEE, 2006). Desta forma, os estudos que se dedicam a averiguar o aprendizado de História na educação básica pelo prisma do letramento histórico, estão focados não na quantidade de conteúdos históricos que o estudante domina, mas na qualidade da narrativa que permite explicitar uma consciência histórica (LEE, 2006, p. 04).

O letramento histórico também almeja a compreensão de como as afirmações históricas podem ser feitas, e das diferentes formas nas quais elas possam ser mantidas ou desafiadas (LEE, 2006, p. 17). Esse é um passo importante em busca da compreensão da natureza do fazer histórico, promovendo o aprendizado dos conceitos básicos da ciência histórica e sobre os seus métodos, possibilitando assim que os estudantes idealizem a História como uma interpretação motivada por escolhas e questões do presente, e não como uma reconstituição do passado. Desconstruir o senso comum que percebe a História como uma recuperação objetiva e permanente do passado, ou como uma mera opinião do historiador, é também uma forma de promover o letramento histórico nos espaços escolares. Pois como afirma Schmidt:

Se desejamos afirmar que estamos ensinando História em vez de outras formas de pensar acerca

do passado é crucial que os alunos compreendam que existe uma forma de conhecimento de História e que o conhecimento do passado não é só uma de opinião pessoal.(SCHMIDT, 2009, P.13)

Conforme aludido no começo deste capítulo, os poucos trabalhos que inserem os memes nas práticas de ensino de História o abordam como um fator motivador com capacidade para contornar a falta de interesse dos estudantes nas aulas. Elevados à condição de fonte histórica, e a luz dos conceitos de letramento histórico e letramento midiático, vislumbramos possibilidades didáticas com maior potencial de aprendizagem para os memes.

Por ser uma mensagem altamente codificada, o meme exige do leitor a construção de uma narrativa histórica que preencha suas lacunas e dê sentido ao jogo de referências presente em sua mensagem. Quanto mais amplos forem os conhecimentos prévios do leitor, que Lee denomina de Estrutura Histórica Utilizável (LEE, 2006), mais capacitado ele estará para estabelecer relações historicamente alicerçadas entre as diferentes temporalidades presentes no meme. Peças meméticas que abordam a História, por trazerem em seu texto referências a personagens ou eventos históricos, ou simplesmente por possuírem relação com acontecimentos sociais relacionados à história imediata, exigem que os estudantes mobilizem ideias históricas para a sua leitura. Ler um meme com estas características é uma experiência de interpretação da História. No entanto, ao não ter o cuidado de perceber o meme como sendo uma mídia digital criada por alguém, com alguma intencionalidade, o leitor pode tomar a sua mensagem como uma verdade histórica, uma recriação do passado ou do presente. Aproximar os estudantes de questões relacionadas a produção do conhecimento histórico e suas apresentações por meio das mídias digitais é um caminho didático promissor para promover o letramento histórico.

Para além da aprendizagem histórica em si, a leitura e análise de memes permite o desenvolvimento de competências relacionadas ao pensamento crítico e ao debate de questões políticas e sociais, agindo na conscientização dos estudantes sobre os seus posicionamentos frente às mídias digitais. A introdução dos memes nos debates acerca do Ensino de História deve ser feita não apenas porque a linguagem memética faz parte da cultura juvenil, mas principalmente porque eles são veículos polissêmicos que condensam diversos significados e leituras que influenciam olhares a respeito dos fenômenos históricos e questões sociais. Muitas vezes, por transportarem diversas generalizações e

incoreções, os memes acabam por turvar o olhar de quem os lê, contaminando debates sobre pautas emergentes do presente, o que por si só já denota a urgência do estudo da linguagem memética nos espaços escolares.

4. DIMENSÃO PROPOSITIVA

Neste trabalho nos dedicamos a elaborar uma proposta metodológica de leitura para os memes atrelada ao Ensino de História. Também investimos nossos esforços na construção de um material didático que potencializa a compreensão, por parte dos estudantes, da produção de imagens conservadoras como fruto de contextos históricos, ao mesmo passo em que problematiza a relação dos próprios estudantes com estas imagens e promove o refinamento na interpretação das mesmas pelos discentes. Reconhecendo na sala de aula um espaço onde professores e estudantes são produtores de saberes escolares e compreendendo que são as trocas entre os diferentes sujeitos históricos envolvidos em uma prática que possibilitam a emergência de significados sobre os conceitos estudados (MONTEIRO, 2003), o material didático que propomos visa uma intervenção crítica que desnaturalize o olhar sobre as violências presentes nos memes intolerantes, evidencie um vínculo entre a orientação destas mensagens e a História, e acima de tudo, interfira no incentivo a constituição de identidades sensíveis, empáticas e comprometidas a um posicionamento crítico sobre conteúdos de mídias que ferem a ética e dignidade de outras identidades. Neste último capítulo, faremos um breve relato sobre a trajetória da presente pesquisa, para por fim, apresentarmos o material didático criado neste percurso.

4.1 TRAJETÓRIA DA PESQUISA

Nossa intenção primeira era realizar uma pesquisa-ação, na qual seria apresentada uma prática sobre o uso de memes no Ensino de História para uma turma de oitavo ano do Ensino Fundamental. Esta prática seria pensada dentro dos moldes de uma sequência de aulas expositivo-dialogadas que pretendiam investigar a influência que estas linguagens de internet exercem na percepção dos estudantes sobre determinados temas relacionados à História. Dentro desta proposta, estava prevista uma oficina de memes na qual os estudantes produziram os seus próprios memes sobre as discussões abordadas nas aulas. A partir da análise dos memes produzidos pelos estudantes, seria possível coletar evidências sobre o alcance dos debates realizados durante a pesquisa-ação e permitiria perceber os sentidos que os estudantes participantes criaram sobre a prática proposta, e em que medida ela contribuiria para o seu letramento midiático e histórico.

Esta pesquisa-ação já estava em desenvolvimento quando a autora do presente texto teve sua carga horária modificada na sua escola de

atuação. Nesta modificação, a turma com a qual esta pesquisa-ação estava sendo desenvolvida foi remanejada para outro professor, impedindo a continuidade dos trabalhos. Após o remanejamento de turmas, nos restou o acesso somente a turmas de sextos anos, com as quais não poderíamos realizar esta pesquisa devido a sua faixa etária e aos temas sensíveis que pretendemos abordar.

Esse revés inesperado nos exigiu repensarmos o formato da dimensão propositiva desta pesquisa. Sem acesso aos estudantes, a possibilidade de criar um material didático surgiu no horizonte como uma solução para esta adversidade, que não nos exigiria tantos recomeços. Para tanto, decidimos manter a temática e problemática originalmente pensadas, porém ainda estávamos hesitantes quanto ao possível formato do material didático que pretendíamos criar. Neste momento vislumbramos duas possibilidades: a apresentação de um guia sobre o uso de memes intolerantes no Ensino de História voltado para professores, ou a criação de um vídeo que abordasse o mesmo tema, porém voltado para estudantes.

A perspectiva do guia surgiu devido a experiência já citada anteriormente, promovida pela disciplina Ensino d(e) História Indígena, ministrada pela professora Luisa Tombini Wittmann. O Guia de Memes criado como avaliação final deste curso foi disponibilizado em uma página do *Facebook* e recebido com entusiasmo por diversos colegas da área que têm nos relatado as suas experiências com o uso do material. Entre as críticas que recebemos, está o fato de que o guia é abrangente e apresenta diversas possibilidades de uso dos memes, porém o professor que se propor a seguir as sugestões terá que selecionar alguns memes para elaborar o seu planejamento de aula. O fato de o professor ter que trabalhar sobre o material para poder usá-lo, pode ser um impedimento ao seu uso dado a sobrecarga de trabalho a qual os professores da educação básica estão expostos. Foi-nos sugerido que juntamente ao guia, planos de aula e slides para os respectivos também fossem disponibilizados.

A experiência foi bem-sucedida e pensamos que um guia em molde parecido pudesse ser elaborado como produto final desta pesquisa de mestrado, mas agora abordando o uso de memes intolerantes no Ensino de História.

Ao mesmo passo, nos questionávamos se talvez um material didático voltado diretamente para os estudantes pudesse ser uma opção mais atrativa para os professores. Emergiu então a possibilidade de criarmos um vídeo pensado para estudantes a partir do 9º ano do Ensino Fundamental. Tal qual o guia, o vídeo exploraria o uso de memes intolerantes no Ensino de História trazendo à tona reflexões sobre a

produção de imagens conservadoras ao longo da História. Porém a linguagem audiovisual nos permitiria criar um conteúdo mais interativo. Considerando que todo meme é um contexto, a sua análise fatalmente remeterá a leitura de outros documentos que reportam ao conteúdo que o meme aborda e a sua proposta estética. Esses documentos podem ser trechos de vídeos, músicas, notícias, pinturas, campanhas publicitárias, etc., que ao serem remixados dão sentido ao meme. Em um vídeo, por meio da edição poderíamos acessar estes documentos durante a análise do meme com mais facilidade que o guia nos permitiria. No entanto, construir um material didático neste formato, abordando temas tão sensíveis no Ensino de História, se apresentava como um desafio e ainda tínhamos dúvidas sobre como criar uma narrativa audiovisual com recursos que fossem significativos para a aprendizagem dos estudantes. Após as contribuições da banca durante a defesa de qualificação optamos pela produção do vídeo, e iniciaram-se então os trabalhos para a elaboração do mesmo.

4.2 PROCESSO DE ELABORAÇÃO DO MATERIAL DIDÁTICO

A primeira etapa consistiu na triagem das principais fontes deste estudo: os memes. As imagens meméticas selecionadas se concentraram dentro do recorte temporal de produção que compreende os anos de 2013 a 2017, garimpadas em redes sociais como o *Facebook* e *Twitter*. Este recorte temporal foi escolhido pela percepção de que a partir dos protestos de 2013, o antigo fenômeno que intersecciona imagem e conservadorismo ressurgiu com força devido aos tensionamentos sociais desencadeados pelas manifestações dos 20 centavos e seus usos políticos. A partir deste estopim, e associado ao concomitante processo de popularização da internet, essas imagens agenciadas por forças conservadoras emergiram nas redes com muita intensidade, instrumentalizando uma lógica binária de análise de conjuntura que hoje está arraigada em nosso país. Enquanto documentos históricos, essas imagens se apresentam como preciosas fontes para a abordagem da História imediata do Brasil no Ensino de História. Como principal critério nesta apuração, serão eleitos os memes com maior potencial para analisar de que maneira estas mensagens representam seu contexto de realização e reelaboram determinadas questões que discutem (políticas, ideológicas, históricas) considerando a representação que propõem por meio do uso de seus procedimentos narrativos.

Na segunda etapa nos ocupamos a roteirizar o vídeo voltado para turmas a partir do 9º ano do Ensino Fundamental. Este material didático

em formato de vídeo, foi pensado dentro de uma proposta temática que não prevê a relação com um conteúdo curricular histórico específico, mas que por meio dela, virão à tona questões articuladas pela problemática. Por temática, esta pesquisa propõe o uso de memes intolerantes no Ensino de História e por problemática, a reflexão sobre a produção de imagens conservadoras ao longo da História inserindo os memes neste debate. Esta opção em não atrelar a o material didático a um conteúdo específico foi motivada por experimentações recentes que realizamos em nossas aulas. O exercício de análise de uma série de imagens, dispostas de maneira cronológica ou não, mas organizadas por uma temática (hábitos de alimentação, padrões de beleza, modos de escravidão, concepções de infância, etc) tem oportunizado proficientes debates com os estudantes sobre as representações do passado e as diversas maneiras sobre como a História orienta os sujeitos no presente.

4.3 APRESENTAÇÃO DO VÍDEO

A metodologia utilizada para produzir o vídeo que aqui apresentamos foi organizada em quatro etapas: a) seleção das imagens; b) criação do roteiro; c) edição das imagens; d) edição do áudio. No processo de criação do roteiro, primeiramente nos ocupamos em decidir qual modelo de narrativa audiovisual adotaríamos. Tínhamos a preocupação em não cair no caminho mais previsível de elaborar uma videoaula, ao mesmo passo em que estávamos cientes de que não possuíamos os recursos e saberes necessários para investir em narrativas que envolvessem linguagens mais elaboradas, como animações e outros efeitos mais sofisticados de pós-produção. Dadas às condições de realização disponíveis, a alternativa de produzir um vídeo que se aproximasse de um documentário com narrador em *off* surgiu no horizonte como uma escolha possível.

Quanto ao modelo de narração, procuramos evitar o padrão clássico onde a voz *off* expressa uma distância em relação ao que é narrado, num esforço de manter a invisibilidade do narrador, como um sujeito oculto na construção do discurso audiovisual. Para tornar a instância da narrativa perceptível ao receptor, escolhemos na introdução do vídeo apresentar nossa narradora, a autora do presente texto. No processo de criação do enredo, nos valem de uma característica da narradora (sua relação com gatos), a partir da qual há o desencadeamento de uma série de informações que culminarão na temática do vídeo: o uso de memes intolerantes no ensino de História.

O segundo momento da criação do roteiro consistiu na adaptação de seu texto para a narrativa audiovisual. Para cada situação descrita, buscamos uma imagem que sintetizasse a ideia visualmente, criando signos e conceitos visuais que julgamos serem capazes de descrever a fala a narradora. Esta, na abertura do vídeo, aparece fazendo uma pesquisa em seu computador. Esta cena é seguida pela transição onde as ações da narradora em seu computador passam para o primeiro plano. A partir deste ponto, a narradora se faz presente tanto por meio da voz *off*, quanto pela execução de diversos comandos e recursos disponíveis em seu computador, se mantendo *online* no restante do vídeo.

Sendo assim, o roteiro do vídeo (Anexo 2) foi estruturado da seguinte forma: a) apresentação da narradora; b) definição do conceito de meme; c) memes históricos e chaves de leitura; d) memes preconceituosos; e) memes revisionistas; f) memes e contexto; g) memes e redes sociais.

Finalizado o processo de edição de imagem e som, disponibilizamos o vídeo em um canal criado no *Youtube* (Anexo 3). Optamos por esta plataforma porque vislumbramos em um futuro próximo produzir outros vídeos que relacionem memes e Ensino de História. Pretendemos que este canal sirva como um espaço onde possamos além de hospedar audiovisuais que discutam os memes a partir de uma perspectiva teórica, promover discussões entre educadores da área e condensar conteúdos relacionados ao tema.

Foram muitos os percalços enfrentados na elaboração deste vídeo. Durante a graduação, a autora deste texto foi bolsista do Laboratório de Pesquisa em Imagem e Som (LAPIS), situado na UFSC e coordenado pelo Professor Dr. Henrique Luiz Pereira Oliveira. Este laboratório tinha entre seus objetivos oferecer oficinas de capacitação para que estudantes e professores criassem e utilizassem audiovisuais no Ensino de História. A formação técnica relacionada à captação de imagens e edição de vídeos, adquirida por meio desta experiência, nos encorajou a apresentar o material didático que esta pesquisa se propunha a construir em formato de vídeo. Porém, a produção de um vídeo abrange diferentes dimensões, e por mais que os recursos para captura e edição de imagens tenham se popularizado largamente, o usuário amador ainda encontra dificuldades em manipular imagens digitais.

Vídeos com pouca manipulação de imagens como os que encontramos circulando pelas redes, onde alguém faz uso de uma câmera e dialoga com ela ou registra um evento, são facilmente editáveis até mesmo em aplicativos de *smartphones*. Porém, à medida que o usuário passa a alterar esta gravação sobrepondo outras imagens, vídeos, músicas

ou legendas as dificuldades de execução vão crescendo. Vivenciamos estes problemas na elaboração de nosso material didático, quando conforme a edição avançava e o vídeo ficava mais longo, aumentavam também as dificuldades. Disco rígido danificado, queima de HD externo, memória RAM insuficiente, etc. foram algumas das adversidades com as quais nos deparamos e que atrasaram muito os trabalhos de edição. Vários destes problemas não conseguimos contornar a tempo e, apesar dos resultados positivos alcançados, alguns ajustes técnicos de edição ainda são necessários. Estas atribulações evidenciaram que estar capacitado para se apropriar das tecnologias não é o suficiente quando você não dispõe dos recursos materiais adequados, o que nos fez refletir sobre toda a sorte de contrariedades que inibem os professores a produzirem seus próprios materiais didáticos com qualidade.

O vídeo produzido não é um material pedagógico rígido, e sim uma ferramenta a partir da qual os educadores podem estruturar seus objetivos, interesses e estratégias. Ressaltamos aos educadores interessados em trabalhar com o material que aqui apresentamos, a necessidade de um levantamento prévio sobre o grau de intimidade dos seus estudantes com a linguagem memética. Compreender as particularidades de cada contexto escolar é a primeira etapa para que os educadores elaborem práticas pedagógicas que atendam as demandas de seus estudantes. Para tanto, preparamos um modelo de diagnóstico (Anexo 4) que examina as percepções dos estudantes sobre diversos memes. Os resultados do diagnóstico podem servir de insumo para idealizar estratégias de ensino que incluam os memes nas aulas de História ao mesmo passo que revela o nível de sensibilidade dos estudantes sobre a temática que propomos.

A partir da análise dos memes apresentados no vídeo, e dos debates realizados por meio dele, almejamos que esta proposta contribua para letramento histórico e midiático dos estudantes. A partir da compreensão de que os memes carregam discursos afinados com seu contexto histórico de produção e que muitas vezes sua narrativa é intolerante e preconceituosa, esperamos que os estudantes compreendam que se manter vigilante acerca das violências sociais presentes nessas imagens é um ato pró-ativo pela humanização do mundo virtual e real, e não um comportamento “mimimi” como pejorativamente são denominadas nas redes, reclamações de usuários que denunciam preconceitos e violações aos Direitos Humanos presentes na internet.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O que propomos nesta pesquisa foi a construção de um material didático voltado para o Ensino de História, que objetiva o letramento midiático e histórico dos estudantes, focado na internet e nas suas formas típicas de expressão. Utilizamos como fontes memes intolerantes que circulam pelas redes, e defendemos que a análise da profusão memética disponível na *web* é um caminho didático promissor a ser seguido.

Na gênese desta pesquisa percebíamos os memes como novas versões das charges políticas, visto que, tal qual as charges, muitos memes carregam um contexto político em sua composição. Embora haja similaridades, durante as leituras de obras que se debruçam sobre a memética fomos compreendendo que os memes possuem uma linguagem própria, que conecta diferentes conteúdos e saberes, exigindo múltiplos letramentos do usuário. O reconhecimento dos memes como sendo relevantes produtos da cultura contemporânea, por campos de conhecimento como o da Comunicação e Educação, contrasta com a ausência de trabalhos que examinem os memes a partir de um olhar historiográfico.

O fato de raros estudos dentro do campo da História dedicarem atenção aos memes talvez esteja relacionado à natureza problemática do conceito de meme introduzido por Dawkins, que argumentou que memes são unidades culturais semelhantes aos genes e que se reproduzem de forma viral. Essa proposta de aplicar preceitos evolucionistas dentro do campo das transformações culturais desencadeou diversas críticas, entre elas, a falta de atenção sobre o papel da agência humana na criação e disseminação de memes (JENKINS, 2009).

Apesar das críticas as bases conceituais da memética, os memes de internet condensam aspectos fundamentais do ambiente da *web*, visto a sua relação com lógicas econômicas, sociais e culturais. Diversos estudiosos têm demonstrado o quão relevante os memes são para pensarmos sobre a cultura da *web* contemporânea, sobre redes de informação, sobre formas emergentes de letramentos e sobre práticas comportamentais de usuários de internet. Além disso, os memes são capazes de moldar mentalidades tanto *online* quando *offline* e o crescente interesse sobre as memórias construídas em espaços digitais contrastam com a falta de atenção por parte dos historiadores sobre as relações entre as construções destas memórias e os memes.

Lapidamos um arcabouço referencial que contribuisse para fundamentar nossa proposta que envolveu obras relacionadas a áreas do Ensino de História, Memética e Comunicação. Como o caminho que

aborda os memes e a história ensinada ainda é incipiente, tivemos que arquitetar uma forma própria para pensarmos os memes e suas possibilidades de uso enquanto fontes históricas.

Sendo assim, no primeiro capítulo sentimos necessidade de explorar a origem do termo meme e de como alguns teóricos da comunicação compreendem a atuação destas peças digitais e sua influência do comportamento e modos de pensar dos usuários. As considerações da área da memética nos ajudaram na definição do conceito de meme histórico. Os memes históricos propagam visões históricas *online* por meio da referência a fatos ou personagens históricos. Sendo narrativas complexas que remetem a vários outros textos e que requerem novas formas de letramento, no segundo capítulo buscamos compreender de que forma a análise e produção de memes pode contribuir tanto para o letramento midiático, quando para o letramento histórico dos estudantes.

O conceito de letramento midiático conforme proposto por Jay Lemke (2010, p. 455), se refere ao conjunto de habilidades que a leitura ou produção de um meme exige. Para o autor a interação com memes depende de um “conjunto de práticas sociais interdependentes, que interligam pessoas, objetos midiáticos e estratégias de construção de significados”. Desta forma, o letramento midiático consiste em habilidades que envolvem tanto o manuseio de produtos da tecnologia de informação, quanto à habilidade de se comunicar fazendo uso de diferentes mídias. Além disso, esta forma de letramento implica em uma série de habilidades culturais e sociais necessárias para que o usuário seja crítico com o que está sendo produzido e compartilhado, o capacitando no enfrentamento de questões éticas as quais os membros de comunidade virtuais e produtores de mídia estão expostos. Analisar os processos e efeitos dos memes como novas formas de influência social pode se tornar uma parte importante do letramento midiático, já que mediante estas micro narrativas, tanto ideias saudáveis quanto tóxicas são propagadas extensivamente.

Compreender a historicidade presente nos memes, evidenciando as construções de passado presentes em suas narrativas, acena para a formação de consciências históricas calcadas na racionalidade desta ciência. A maturação da consciência histórica, que nega uma relação prática ou morta com o passado, ao mesmo passo que fomenta uma relação histórica mais complexa, articulando passado-presente-futuro para a valorização das identidades e alteridade, é a finalidade máxima do letramento histórico (SCHMIDT, 2009, p.19). Conforme Schmidt:

se os estudantes são capazes de dar sentido ao passado e adquirirem algum conhecimento do que podemos dizer acerca dele e, simultaneamente, serem capazes de utilizar esse conhecimento de modo a que tenha claramente uma utilidade/aplicabilidade, talvez possa se afirmar que os estudantes são historicamente letrados (SCHMIDT, 2009, p.10).

O vídeo produzido apresentado no último capítulo deste trabalho buscou traçar caminhos possíveis para que o professor estabeleça uma metodologia de análise que alia o conhecimento histórico trabalhado nas aulas, com a interpretação das diferentes temporalidades e jogos de sentido que estão envolvidos na narrativa memética. Desta forma, tratando o meme como produto de uma época que condensa em sua composição dados e representações de um determinado tempo, almeja-se o desenvolvimento de habilidades e competências que capacite os estudantes e ler os memes de forma crítica. A discussão apresentada no vídeo buscou também incitar o engajamento ativo do pensamento sobre os produtos midiáticos como os memes, explorando as consequências geradas pela interação ou não, com conteúdos na *web*. Promover a análise do tipo de informação que estamos recebendo e compartilhando, sua relação com seu momento histórico de produção e sobre como isso afeta nossas percepções sobre os outros, na construção de estereótipos relacionados à etnia, orientação sexual, religião, etc. foi a estratégia utilizada neste material didático para empoderar os estudantes a compreenderem o seu papel central no processo de desenvolvimento e fortalecimento democrático na sociedade.

No processo de escrita deste trabalho, vislumbramos diversos trajetos de reflexão relacionados a esta temática que futuras pesquisas poderiam explorar. No presente texto não abordamos a recepção dos memes, mas pensamos que uma análise mais complexa e ambiciosa que investigue uma peça memética, desde o seu espaço de produção até a leitura que os estudantes fazem de tal meme, teria muito a contribuir para o campo de Ensino de História e dos estudos sobre Memética. São muitas as questões que envolvem a recepção e que não pudemos explorar nesta pesquisa devido ao recorte escolhido e as limitações deste trabalho. Como as interpretações de imagens são variáveis, nos indagamos sobre quais seriam as mobilizações que os estudantes fariam para classificar um meme como histórico? Quais seriam os elementos que eles julgariam essenciais para julgar um meme como intolerante? De que forma as ideias

históricas dos sujeitos são acionadas para interpretar um meme? São algumas das questões que gostaríamos de explorar em um trajeto de pesquisa futuro.

REFERÊNCIAS

- ANDRAUS, Gazy. O Meme nas Histórias em Quadrinhos. In: ENCONTRO DOS NÚCLEOS DE PESQUISA DA INTERCOM, V, 2005, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: Intercom, 2005.
- ARISTIMUÑO, Felipe. O meme como expressão popular no ensino de arte: alguns pensamentos e conceitos com base no projeto de pesquisa EVMS. *Revista Digital Art&, online*, n. 15, 2014.
- BLACKMORE, Susan. **The Meme Machine**. Oxford; New York: Oxford University Press, 1999
- CERRI, Luiz Fernando. Didática da história: uma leitura teórica sobre a História na prática. **Revista de História Regional**, v. 15, n. 2, 2010.
- COHEN, Leandra; SILVA, Mariana Rezer da; DALMOLIN, Aline. Humaniza Redes: Direitos humanos e discursos de ódio nas redes sociais. Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, XVIII, Caxias do Sul. **Anais...** Caxias do Sul, 2016.
- DAWKINS, Richard. **O Gene Egoísta**. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 2001.
- DENNETT, Dan. Dangerous memes. 2002. (15min24seg). Disponível em: <https://www.ted.com/talks/dan_dennett_on_dangerous_memes>. Acesso em: 22 jun 2018. Acesso em: 17 nov 2017.
- DENNETT, Daniel C. Memes: Myths, Misunderstandings and Misgivings. **DRAFT**: for Chapel Hill, Oct. 1998. Disponível em: <<https://ase.tufts.edu/cogstud/dennett/papers/MEMEMYTH.FIN.htm>>. Acesso em: nov 2017.
- GONÇALVES, Paulo Gonçalo Farias. Memes e educação matemática: um olhar para as redes sociais digitais. In: ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO MATEMÁTICA, XII, 2016, São Paulo. **Anais...** São Paulo: 2016.
- JENKINS, Henry; FORD, Sam; GREEN, Joshua. **Cultura da Conexão**: criando valor e significado para a mídia propagável. São Paulo: Aleph, 2014.

JENKINS, Henry. Spreadability: if it doesn't spread, it's dead.

Confessions Of An Aca-Fan, *online*, 11 fev 2009. Disponível em: <http://henryjenkins.org/blog/2009/02/if_it_doesnt_spread_its_dead_p.html>. Acesso em: dez 2018.

KNOBEL, Michael; LANKSHEAR, Colin. **A new literacies sampler**. Nova Iorque: Peter Lang, 2007.

LEAL-TOLEDO, G. **Controvérsias meméticas**: a ciência dos memes e o darwinismo universal em Dawkins, Dennett e Blackmore. 2009. 467 p. Tese (Doutorado Filosofia) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

MAIA, Alessandra; ESCALANTE, Pollyana; PASSOS, Regina. Crítica social e criatividade: uma investigação dos memes à luz dos cartuns de Henfil. In: ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA DA MÍDIA, IX, 2013 Ouro Preto. **Anais...** . Ouro Preto, 2013.

MAKHORTYKH, Mykola. Everything for the Lulz: Historical Memes and World War II Memory on Lurkomor'e. **Digital Icons: Studies in Russian, Eurasian and Central European New Media**, n. 13, 2015, p. 63-90.

MALERBA, Jurandir. Acadêmicos na Berlinda ou como cada um escreve a História? Uma reflexão sobre o embate entre historiadores acadêmicos e não acadêmicos no Brasil à luz dos debates sobre Public History. **Revista História da Historiografia**, Ouro Preto, n. 15, 2014, p. 27-50.

MAYNARD, Dilton Cândido Santos. Aprender história pela Internet. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, XXV, 2009, Fortaleza. **Anais...** Simpósio Nacional de História, 2009.

MAUAD, Ana Maria, ALMEIDA, Juniele R., SANTHIAGO, Ricardo (orgs.). **História Pública no Brasil**: sentidos e itinerários. São Paulo: Letra e Voz, 2016

MONTEIRO, Ana Maria. **Professores de História**: entre saberes e práticas. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

MONTEIRO, Ana Maria. A história ensinada: algumas configurações do saber escolar. **História & Ensino**, Londrina, v. 9, p. 9-35, 2003.

OS DIAS Eram Assim: Memes fazem piada com crimes da ditadura. **BOL** (*online*), 27 abr 2017. Disponível em: <<https://www.bol.uol.com.br/memes/noticias/2017/04/27/os-dias-eram-assim-memes-ironizam-crimes-da-ditadura.htm>>. Acesso em: 26 nov 2017.

PATROCÍNIO, Jaqueline. Charges do Pasquim. Alternativa Nanica [Blog], 19 jun 2012. Disponível em: <<http://alternativananica.blogspot.com.br/2012/06/charges-do-pasquim.html>>. Acesso em: 26 nov 2017.

PASSOS, Marcos Vinícius Ferreira. O gênero meme em propostas de produção de textos: implicações discursivas e multimodais. In.: SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA, 2012. **Anais do SIELP**, v. 2, n. 1. Uberlândia: EDUFU, 2012.

RECUERO, Raquel. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

RECUERO, Raquel. O capital social em rede: como as redes sociais na internet estão gerando novas formas de capital social. **Contemporânea: Revista de comunicação e cultura**, v. 10, n. 13, 2012.

RECUERO, Raquel. Memes em weblogs: proposta de uma taxonomia. **Revista FAMECOS**, Porto Alegre, n. 32, 2007.

RODRÍGUEZ-PINA, Gloria. A professora que pediu a suas alunas ‘memes’ de ‘Cem Anos de Solidão’. “As crianças e os adolescentes não querem mais só ficar sentados na frente da lousa”. *El País*, 19 jun 2016. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2016/06/18/cultura/1466244071_638548.html>. Acesso em: dez 2018.

SHIFMAN, Limor. **Memes in digital culture**. MIT press, 2014.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora. Literacia Histórica: um desafio para a educação histórica no século XXI. *História & Ensino*, Londrina, v.15, p. 09-22, 2009.

SILVA, Raphael Alves da. Os memes das redes sociais: um olhar transdisciplinar. In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, III, 2016. **Anais...** Natal, 2016.

SOUZA, Carlos Fabiano de. Memes em aulas de português do ensino médio: linguagem, produção e replicação na cibercultura. *Revista Philologus*, n. 60, v. 2, Supl. 1: Anais da IX JNLFLP. Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2014.

TOLEDO, Gustavo Leal. Uma crítica à memética de Susan Blackmore. **Revista Filos**, Curitiba, v. 25, n. 36, p. 179-195, 2013.

ANEXO 1 – Guia para o uso de memes em sala de aula

O USO DE MEMES NO ENSINO DE HISTÓRIA INDÍGENA



PROF HISTÓRIA
MESTRADO PROFISSIONAL
EM ENSINO DE HISTÓRIA

GUIA PARA O USO DE MEMES EM SALA DE AULA



Disciplina: Ensino (d)e
Hstória Indígena - UDESC
Profa. Dra. Luisa Tombini
Wittmann

ELABORADO POR:
BÁRBARA VITÓRIA ZACHER
JAQUELINE MARQUARDT
VIVIANE MOREIRA

FLORIANÓPOLIS


2017 '1

Disponível em:

https://drive.google.com/file/d/0B9tMIPjWHSjdb3I5MEc5TFZzdms/view?fbclid=IwAR1kHQBUFQXt2DxtKgTGWpraCD4Rz3p1k2qS33D7bGpril_M6Mm3UzZ0oPg



ANEXO 2 – Roteiro



NARRADOR	IMAGENS
<i>INTRODUÇÃO</i>	
	Imagens da narradora do vídeo de costas. A narradora coloca Lady Stardust para tocar no Youtube.
Oi! O meu nome é Bárbara e eu sou professora de História em uma cidade no sul do estado de Santa Catarina chamada Araranguá.	Apresentação da narradora. Aparece um mapa do Brasil mostrando Santa Catarina e depois a localização de Araranguá.
Além de professora de História eu sou dona e proprietária de duas gatinhas.	Uma foto com as duas gatas.
A Nuvem, eu ganhei de uma aluna. Tem um rabinho pitoco, e por causa disso às vezes ela parece um coelhinho.	Foto da Nuvem
A Lady, foi adotada. Ela é surda e tem um olho de cada cor. Igual ao David Bowie, artista perfeito sem defeitos, autor de centenas de músicas maravilhosas entre elas Lady Stardust. É uma das minhas músicas preferidas e por causa dela minha gatinha se chama Lady	Foto da Lady. Mostra o vídeo do Bowie da música que está tocando ao fundo.
Os gatos, como a Nuvem e a Lady, são mamíferos carnívoros da família dos felídeos.	
Várias fontes históricas como gravuras, pinturas e estátuas indicam que no Antigo Egito os gatos eram venerados e considerados animais sagrados.	Imagens de gatos do Antigo Egito.
A relação de amor dos antigos egípcios com os gatos era tão intensa, que uma pessoa que matasse um gato era punida com pena de morte.	Idem.
No entanto, a História é feita de permanências e rupturas e houve períodos em que a adoração aos gatos em alguns lugares foi interrompida.	Narradora escreve no editor de textos a frase.

<p>No início da Idade Média europeia, por exemplo, os gatos foram acusados de estarem associados a maus espíritos, e por isso, muitas vezes foram queimados juntamente com as pessoas acusadas de bruxaria.</p>	
<p>Embora ainda exista o preconceito em relação a eles, não há dúvidas de que existe um lugar hoje onde os gatos são tratados como sagrados e divinos exatamente como no Antigo Egito.</p>	
<p>Qual lugar é esse? No país internet.</p>	<p>A narradora pesquisa no Google sobre “memes de gatos”.</p>
<p>Os gatos são os mascotes da internet.</p>	<p>Vídeo Keyboard cat.</p>
<p>Eles ocupam absolutamente todos os cantos do ciberespaço.</p>	<p>Gif gato no computador. Gif gato lixando as unhas.</p>
<p>Isso é tão real oficial que em 2015 o Museu da Imagem em Movimento de Nova York apresentou uma exposição chamada “Como os gatos dominaram a internet” que exibia compilados de virais e memes de gatinhos.</p>	<p>Imagens da exposição ou notícia da exposição.</p>
<p>Embora existam também muitos memes sobre cachorros na web, de acordo com pesquisadores da área, os memes de gatos têm muito mais chances de viralizar.</p>	<p>Idem.</p>
<p>Existe até um livro voltado para donos de gatos que sonham em entrar no show business (como transformar o</p>	<p>Capa do livro (legenda traduzindo o título). Imagens site CatCon.</p>

seu gato em uma celebridade da internet) e uma convenção que celebra os gatos da internet chamada CatCon.	
A gatinha dos memes Grumpy Cat ganhou uma estátua de cera junto a várias outras celebridades.	Imagem da estátua dela.
E a Lil Bub tem até um talk show. Alguns cientistas estão considerando sequenciar o genoma da gatinha para tentar descobrir os segredos por trás dessa carinha esquisitinha que se tornou um ícone da web.	Imagens do talk show Lil Bub's Big Show. (Deixar uma parte mostrando ela "conversando")
Por hora, o que se sabe, é que, moldado por séculos de domesticação e evolução, o comportamento felino tem um efeito único nos cérebros humanos, e o hábito de ver memes de gatinhos se tornou praticamente um sinônimo de relaxamento e bem estar.	Idem.
Mas a internet não é apenas um espaço de celebração aos gatos, e infelizmente nem todos os memes são feitos de gatinhos fofinhos.	Idem.
Cada vez mais, a internet vem sendo ocupada por memes horrorosos que deixariam qualquer gato de olhos arregalados e orelhas em pé.	Gif de gato assustado
Ao navegar pelas redes sociais, certamente vocês já se depararam com páginas que se dedicam a produzir memes racistas, machistas, homofóbicos, e com várias outras violências que são contrárias aos direitos humanos, aos valores éticos e a democracia.	Mostrar páginas facebook: (bem rapidinho) "Moça, você não é obrigada a ser feminista" "Escola sem partido" "Corrupção brasileira memes" "Jovens de direita" "Orgulho em ser de direita"
Para piorar a situação, frequentemente usuários que denunciam essas agressões	Prints de pessoas fazendo utilizando o termo "mimimi" nas redes sociais.

são chamados de chatos, vitimistas ou mimizentos.	
A questão é que a produção deste tipo de memes não é gratuita, e do mesmo jeito que pinturas, estátuas e desenhos serviram como fontes para compreendermos como os antigos egípcios se relacionavam com os gatos,	Reproduzir as imagens dos “gatos egípcios” bem rapidinho.
Os memes hoje podem servir como fontes históricas que nos ajudam a compreender a história do tempo presente.	Enquanto a narradora fala aparece o título: Sobre memes e mimimi
Para começarmos a nossa conversa nós precisamos definir: O que é um meme?	A narradora pesquisa no Google a pergunta.
O termo meme foi criado pelo biólogo Richard Dawkins no seu livro O Gene egoísta, de 1976.	Capa do livro.
Para o autor, o meme é uma unidade de transmissão cultural que se dá por meio da imitação.	Idem
Ele inventa essa palavra porque queria um termo que definisse esse fenômeno, e ao mesmo tempo fizesse referência as palavras gene e memória.	Post it com as palavras gene e memória (cada letra um post-it). Aí a pessoa escolhe os post it com as letras para formar a palavra meme.
Memes, para Dawkins, são ideias que grudam na cabeça e se espalham de pessoa para pessoa.	Talvez algumas imagens folheando o livro como se fosse o do Dawkins.
Em uma analogia, ele afirma que Se você planta um meme em um cérebro fértil, esse meme vira uma espécie de parasita que começa a usar esse mesmo cérebro para se espalhar.	Idem
Esse cérebro parasitado então vira um veículo de propagação para o meme.	Idem
Isso pode parecer meio exagerado, mas no meu	

<p>facebook eu vejo muitas pessoas que parecem estar sendo controladas por memes.</p>	
<p>Essa teoria criada por Dawkins serviu de inspiração para que estudiosos da comunicação se apropriassem do termo para se referir as montagens que circulam pela internet.</p>	
<p>Podemos definir então, que meme é uma unidade mínima de informação que viraliza na internet e pode ser produzido a partir de uma imagem, vídeo, ou texto.</p>	<p>Legenda: “Meme é uma unidade mínima de informação que viraliza na internet e pode ser produzido a partir de uma imagem, vídeo, ou texto. “</p>
<p>Existem vários tipos de memes: memes offline, memes morais, memes publicitários, memes,...</p>	<p>(os memes estão na ordem da frase ao lado)</p>   <p>JÁ ACORDOU???</p> <p>ENTÃO</p> <p>BOM DIAAAA!!!</p>

	
<p>Mas sem sombra de dúvidas os mais legais são os memes históricos.</p>	
<p>Os memes históricos são os que promovem visões históricas e memórias em espaços online.</p>	<p>Enquanto a narradora fala aparece o título: Memes Históricos</p>
<p>Eles podem ser produzidos utilizando acontecimentos e personagens históricos, e transmitir mensagens com diferentes níveis de complexidade.</p>	

Este aqui, por exemplo, exige pouco conhecimento. Basta que o leitor saiba que o Stálin é um personagem histórico e reconheça o seu nome na legenda. Então o leitor irá entender o trocadilho e deduzir que a imagem do meme é um retrato do Stálin.




Este aqui já exige mais do leitor. Ele aborda um evento histórico: o retorno da família real para Portugal em 1821 por causa da Revolução do Porto. Nesta época Dom João VI havia deixado o governo do país nas mãos de seu filho Dom Pedro I que se tornou então o príncipe regente do Brasil. A imagem, traz um retrato do Dom Pedro I com uma modificação. No lugar do rosto do monarca, vemos o rosto do Mano Brown, vocalista do grupo de rap Racionais Mc's. A legenda da parte inferior é um verso da música mais famosa do grupo chamada "Diário de um detento" que fala sobre o massacre de Carandiru a partir do olhar de um presidiário. Neste meme, a combinação de todos estes elementos tem a intenção de fazer graça com a situação de Dom Pedro. Aqui há um jogo de referências e somente o leitor que conseguir

quando você é Dom Pedro I e a família real retorna a Portugal em 1821



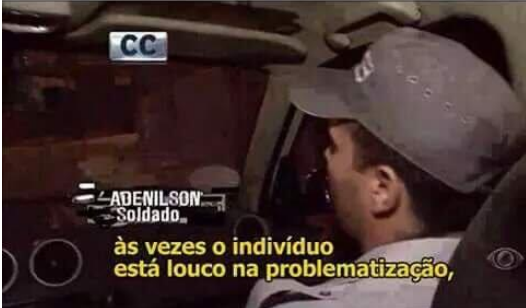
Mostrar o videoclipe da música no trecho deste verso.

<p>identificar elas compreenderá a piada.</p>	
<p>Embora o meme não traga nenhuma problematização evidente em seu texto, nós podemos usá-lo para estabelecer uma associação entre passado e presente refletindo sobre a relação do governo de Dom Pedro I e a música do Racionais.</p> <p>Será que Dom Pedro I contribuiu para a manutenção do sistema escravocrata? Será que existe um vínculo entre as consequências da escravidão e o fato da maioria da população carcerária hoje ser negra? Será que o fato da maior parte dos detentos serem negros e pobres, explica abusos de poder cometidos pela polícia como a tragédia de Carandiru? Se pensarmos bem sobre as duas fontes históricas que o meme apresenta, provavelmente encontraremos uma ligação entre elas</p>	<p>Dividir a tela e deixar a imagem de Dom Pedro I de um lado, e o videoclipe rolando do outro. Ou então primeiro mostrar o retrato dele e depois deixar o vídeo rolando.</p> 
<p>Alguns memes históricos trazem uma problematização de forma bem evidente, como este, que também estabelece uma relação entre passado e presente, e sugere que o abuso de poder contra os negros hoje, é consequência da escravidão, evidenciando uma permanência histórica.</p>	

<p>Curiosamente a mesma imagem histórica utilizada para criticar as consequências do regime escravocrata, pode,</p>	
<p>em outro meme, servir para fortalecer algumas destas consequências, como o preconceito e o racismo.</p>	<p>Enquanto a narradora fala aparece o título: Memes preconceituosos</p>
<p>Em 2015 as redes sociais do Brasil assistiram a um desfile de mensagens intensamente racistas promovidas pela propagação do meme “Nego”.</p>	<p>Notícia sobre “Humor negro viraliza e gera debate nas redes sociais sobre racismo”.</p>
<p>Este meme usa uma expressão que adquiriu muitos significados ao longo da história, como principal elemento para criar piadas, a partir de uma combinação de imagens de pessoas negras em diversas situações que se relacionam com a forma como a expressão “nego” está sendo usada.</p>	<p>(Os memes vão passando em um visualizador de imagens no computador, meio rápido, mas com o tempo suficiente para a leitura das legendas)</p>

	
<p>Várias destas imagens remetem a períodos traumáticos da história do povo negro, como a escravidão e a segregação racial.</p>	<p>Idem</p>
<p>Aqui nós temos uma criança branca montada sobre a babá negra, insinuando através de uma brincadeira nada inocente o retrato de uma época.</p>	<p>Pausa para a análise do meme:</p>



	
<p>Datada do final do século 19, esta fotografia tem uma carga simbólica imensa e apesar disso, a legenda do meme questiona a existência do racismo na imagem de maneira debochada.</p>	<p>Idem</p>
<p>Já estes memes aqui trazem fotografias do dia 28 de agosto de 1963, quando Martin Luther King, ao final de uma manifestação de protesto pelos direitos civis nos Estados Unidos, discursou durante 17 minutos diante de 250 mil pessoas.</p>	<p>Pausa para análise dos memes:</p> 
<p>A partir daquele momento, a luta contra o racismo e a segregação racial ganhou fôlego e o discurso de King se tornou um símbolo da luta</p>	<p>Vídeo do discurso de Martin Luther King de fundo enquanto a narradora fala.</p>

<p>pela igualdade de direitos que reverberou e influenciou movimentos similares no mundo todo.</p>	
<p>Estes três memes são construídos a partir de imagens históricas que ao longo do tempo foram amplamente difundidas pela força de seu significado.</p>	<p>Imagens dos três memes na tela</p>
<p>Fazer uso deste tipo de imagem para disseminar preconceitos por meio de memes pode pulverizar o seu significado histórico.</p>	<p>Idem</p>
<p>E antes que vocês digam que eu estou louca na problematização ou fazendo mimimi, nós precisamos esclarecer algumas coisas.</p>	
<p>A primeira, é que o racismo é estrutural e está nas bases da nossa sociedade.</p>	<p>Post-it com o número 1 o outro com a frase escrita “o racismo é estrutural”</p>
<p>Nós temos o costume de achar que racismo é quando você chama um negro de macaco, ou quando você joga uma banana pra ele, ou quando você retira uma pessoa negra de um estabelecimento pq você não gosta de pessoas negras.</p>	<p>Vídeo Daniel Alves de fundo enquanto a narradora fala https://www.youtube.com/watch?v=eJYhp4bqJQA Mais ou menos do 00:10 ao 00:25</p>
<p>Obviamente isso é racismo sim, mas racismo também é muito menos do que isto.</p>	
<p>Racismo é qualquer ação que demonstre ódio, desprezo, e inferiorização de minorias racializadas no Brasil, ou seja, de grupos raciais que são oprimidos no nosso país,</p>	


como os indígenas e os negros.	
A segunda, é que o racismo de acordo com teóricos que estudam questões raciais no Brasil acontece principalmente de duas formas: o racismo institucional e o racismo individual.	Post-it com o número 2 e outro escrito “institucional” e outro escrito “racismo individual”
O racismo estrutural é aquele cometido por instituições como escolas, hospitais, a polícia e o próprio estado, quando criam impedimentos, excluindo ou agredindo uma pessoa negra.	
O racismo individual acontece principalmente da parte de um indivíduo contra o outro, seja por meio de violência física ou moral.	
No Brasil temos uma especificidade desse racismo individual que é o chamado racismo velado, que também acomete as instituições, mas se faz presente principalmente nas relações interpessoais.	
E uma das maiores ferramentas do racismo velado no Brasil é a piada.	
O humor tem feito com que o racismo e outras formas de preconceito circulem livremente em nossa sociedade.	Tweets racistas do Cocielo de fundo.
Diante de tudo isso, fica a pergunta: para quem a escravidão, a segregação racial e o assassinato de negros é engraçado?	Idem
É por desses questionamentos que memes deste tipo Não podem ser vistos apenas como uma piada.	Exibir os memes “Nego” na mesma tela.

<p>Sob o título de brincadeira, esses memes reforçam na web formas de opressão históricas ajudando na manutenção e naturalização de preconceitos.</p>	<p>Idem</p>
<p>Memes que evocam temas sensíveis da nossa história, como a escravidão e o racismo são tão presentes na internet brasileira</p>	
<p>quanto os que contestam visões históricas, negando os fatos e criando uma visão distorcida dos mesmos.</p>	<p>Enquanto a narradora fala aparece o título: Memes revisionistas</p>
<p>Entre os meses de abril e setembro de 2017 a Rede Globo exibiu uma série chamada “Os dias eram assim”.</p>	<p>Imagens da série</p>
<p>Durante meses, muitos espectadores acompanharam a trama sobre uma história de amor que perdurou por vinte anos, atravessando vários eventos históricos do país, desde a Ditadura Militar até o período de redemocratização.</p>	<p>Idem.</p>
<p>Nos horários de exibição de “Os dias eram assim”, diversos usuários começaram a fazer uso de uma hashtag com o nome da série, para ironizar os crimes cometidos pela Ditadura Militar e seu uso em grande parte das vezes vinha acompanhado de memes.</p>	<p>Memes “os dias eram assim” passando rapidamente na tela (em um visualizador de imagens no computador).</p>

	
<p>As mensagens presentes nestes memes tem a clara intenção de mistificar um dos períodos mais obscuros de nosso país.</p>	
<p>Esse aqui traz uma imagem de jovens brancos em um momento de lazer na praia, e a sua legenda dá a entender que a Ditadura foi violenta apenas para os comunistas.</p>	<p>Pausa para analisar o meme</p> <p>Os Dias Eram Assim...</p>  <p>... para quem não assaltava bancos, sequestrava pessoas, assassinava PM e militares, enfim, quem não lutava para implantar uma ditadura comunista no Brasil...</p>
<p>Este outro apresenta uma fotografia de artistas do movimento tropicalista, que por meio de suas músicas tentavam burlar a censura imposta pelos militares para</p>	<p>Pausa para analisar o meme</p>

<p>conseguir assim, criticar o regime. Caetano e Gil, por exemplo, foram presos e exilados durante este período.</p>	<p>Na época da Ditadura "Os Dias eram Assim..."</p> 
<p>A legenda sugere que não havia repressão, evidenciando um esforço por parte de quem produziu este meme em negar a ditadura ou rebaixar o sofrimento de suas vítimas.</p>	
<p>Já estes dois memes trazem um comparativo de imagens que estabelecem uma relação entre passado e presente.</p>	<p>Colocar um meme ao lado do outro</p> 
<p>Eles apresentam as fotografias em preto e branco como pertencentes ao período da Ditadura.</p>	<p>Idem</p>
<p>Essas imagens mostram estudantes em um ponto de ônibus e meninos brincando na rua.</p>	<p>Idem</p>
<p>A narrativa dos memes indica que houve uma ruptura</p>	<p>Idem</p>

<p>histórica, e por conta desta mudança os ônibus que antes transportavam estudantes, agora são incendiados, e os meninos que brincavam na rua, agora portam armas.</p>	
<p>Eles sugerem que a violência social é decorrência do fim da Ditadura e da redemocratização do Brasil, e expressam uma percepção alimentada por posições políticas de extrema-direita.</p>	Idem
<p>Dizer que não houve uma Ditadura Militar no Brasil ou que ela não foi tão ruim assim, é falsear os fatos e as evidências históricas.</p>	Imagens do filme “ O dia que durou 21 anos”.
<p>Um historiador, quando analisa determinado período, se baseia em fontes e nenhuma afirmação que o historiador faz, é feita por opinião pessoal.</p>	Idem
<p>Ela precisa ser feita a partir de depoimentos, vestígios e documentos que as pessoas do passado deixaram pra que a partir disso, de uma maneira analítica, se possam fazer afirmações sobre o que aconteceu.</p>	Idem
<p>Quem nega a Ditadura, ou se refere a ela de maneira jocosa esta falseando a História.</p>	Capa da Folha de São Paulo com a matéria sobre a “Ditabranda”.
<p>A Ditadura Militar não só existiu, como foi extremamente repressiva e violenta e isso pode ser comprovado em milhares de documentos que estão nos mais diversos arquivos públicos e privados no Brasil e no exterior.</p>	Site Comissão nacional da verdade.
<p>A história essencialmente é revisionista, pois a cada nova fonte, fato ou informação que</p>	Idem

<p>surge, ela necessita fazer os seus ajustes e reinterpretar aquele fenômeno histórico.</p>	
<p>Se encontrarem um cofre com diversos diários, documentos e cartas do Stálin, por exemplo, os historiadores terão de analisar essas fontes e inserir estas informações na sua biografia.</p>	<p>Voltar ao meme do Stalin</p> 
<p>Portanto a história está em constante reescrita, mas sempre a partir de novas evidências e fatos, mantendo um vínculo com a realidade.</p>	
<p>Porém, memes como esses evidenciam a prática de um revisionismo negativo.</p>	
<p>Isso acontece quando pessoas que não são historiadores e não tem contato com os métodos históricos criam versões distorcidas sobre o passado.</p>	
<p>Então, há quem queira negar que existiu o holocausto, amenizar as atrocidades da escravidão, negar que existiu ditadura. Se esforçando em reinterpretar os eventos históricos de maneira absurda e desconectada dos fatos.</p>	<p>Canal Olavo de Carvalho Canal Nando Moura</p>
<p>Existem diversos youtubers e páginas em redes sociais que produzem conteúdo com esse viés, deformando realidades e desconsiderando a interpretação corrente da academia.</p>	<p>Canal Brasil Paralelo Página MBL Página Corrupção brasileira memes</p>

<p>Essas pessoas não possuem um compromisso com a história, elas possuem compromisso com uma agenda ideológica para um determinado fim.</p>	<p>Idem</p>
<p>E curiosamente, o argumento que elas utilizam para defender essa visão revisionista negativa da história é a alegação de que na academia existe um viés marxista, esquerdista, comunista, e que, portanto não pode ser levada a sério.</p>	<p>Idem</p>
<p>Mas quais são os interesses desses revisionistas? Por que eles fazem isso?</p>	<p>Idem</p>
<p>Hoje no Brasil, grupos da extrema direita têm agido dessa forma, tentando dominar a narrativa, e molda-la para acender ao poder.</p>	<p>Idem</p>
<p>Por exemplo, vocês já devem ter ouvido por aí gente afirmando que o nazismo é de esquerda né? Tipo certos youtubers, que acham que a imagem do selo nazista junto a foice e ao martelo é o suficiente para provar que o nazismo era de esquerda e que todos os especialistas da área estão errados.</p>	<p>Tweet Nando Moura</p> <p>REFUTANDO SEU PROFESSOR DE HISTÓRIA COM UMA IMAGEM</p>  <p>Politicamente INCORRETA</p>

Associar o nazismo a esquerda tem um objetivo claro de criminalizar todo mundo que se identifica com a esquerda.



Pessoal, está circulando nas redes sociais, uma imagem em que o jovem Lula aparece ao lado do Adolf Hitler.

Atenção! Trata-se de uma montagem, que tem o objetivo de prejudicar ainda mais a imagem do Hitler. Não acreditem.




Qualquer pessoa comprometida com pautas sociais, nesta narrativa está vinculada ao nazismo.



<p>Associar os movimentos sociais com o terror do nazismo funciona como um gatilho que desperta o medo e repulsa nas pessoas.</p>	 <p>Orgulho em ser de Direita Jun 2 at 3:33pm</p> <p>Se eles denunciarem esse post, estará claro que eles tem mentalidade de Ditadores.</p> <table border="1"> <tr> <td data-bbox="463 268 678 643">  <p>NAZISTAS</p> <ul style="list-style-type: none"> -USAVAM A MÍDIA PARA PROPAGAR SUAS IDEIAS. -CENSURAVAM SEUS OPOSITORES. -SE DIZIAM SOCIALISTAS. -ERAM ANTICAPITALISTAS. -FAZIAM DISCURSO DE ÓDIO. -NÃO ACEITAVAM OPINIÕES CONTRÁRIAS. </td> <td data-bbox="678 268 891 643">  <p>MILITANTES LGBT E FEMINISTAS</p> <ul style="list-style-type: none"> -USAM A MÍDIA PARA PROPAGAR SUAS IDEIAS. -CENSURAM SEUS OPOSITORES. -SE DIZEM SOCIALISTAS. -SÃO ANTICAPITALISTAS. -FAZEM DISCURSO DE ÓDIO. -NÃO ACEITAM OPINIÕES CONTRÁRIAS. </td> </tr> </table>	 <p>NAZISTAS</p> <ul style="list-style-type: none"> -USAVAM A MÍDIA PARA PROPAGAR SUAS IDEIAS. -CENSURAVAM SEUS OPOSITORES. -SE DIZIAM SOCIALISTAS. -ERAM ANTICAPITALISTAS. -FAZIAM DISCURSO DE ÓDIO. -NÃO ACEITAVAM OPINIÕES CONTRÁRIAS. 	 <p>MILITANTES LGBT E FEMINISTAS</p> <ul style="list-style-type: none"> -USAM A MÍDIA PARA PROPAGAR SUAS IDEIAS. -CENSURAM SEUS OPOSITORES. -SE DIZEM SOCIALISTAS. -SÃO ANTICAPITALISTAS. -FAZEM DISCURSO DE ÓDIO. -NÃO ACEITAM OPINIÕES CONTRÁRIAS.
 <p>NAZISTAS</p> <ul style="list-style-type: none"> -USAVAM A MÍDIA PARA PROPAGAR SUAS IDEIAS. -CENSURAVAM SEUS OPOSITORES. -SE DIZIAM SOCIALISTAS. -ERAM ANTICAPITALISTAS. -FAZIAM DISCURSO DE ÓDIO. -NÃO ACEITAVAM OPINIÕES CONTRÁRIAS. 	 <p>MILITANTES LGBT E FEMINISTAS</p> <ul style="list-style-type: none"> -USAM A MÍDIA PARA PROPAGAR SUAS IDEIAS. -CENSURAM SEUS OPOSITORES. -SE DIZEM SOCIALISTAS. -SÃO ANTICAPITALISTAS. -FAZEM DISCURSO DE ÓDIO. -NÃO ACEITAM OPINIÕES CONTRÁRIAS. 		
<p>Esse recurso de desumanizar os seus opositores é muito eficiente já que nós operamos muito mais movidos pela emoção do que pelo raciocínio lógico.</p>	 <p>ESQUEÇAM QUE EU ERA NAZISTA</p> <p>-SIMONE DE BEAUVOIR</p> <p>CONTINUEM ME DEFENDENDO NA INTERNET AMIGUINHXS BRASILEIRXS</p>		
<p>Por falta de conhecimento histórico e de um instrumental teórico que reforce uma interpretação mais correta da realidade, muita gente acredita nessas falácias.</p>			
<p>Por isso é tão importante dar ouvidos ao que as pessoas que realmente estudam a respeito têm a dizer e confrontar essas mentiras e distorções para impedir que elas se consolidem cada vez mais.</p>			
<p>Relembrar o passado por meio destes memes, e os atos horrendos da escravidão e da ditadura nos desperta alguns questionamentos sobre o que acontece na política brasileira hoje. Como pode um país que</p>	<p>Vídeo Bolsonaro.</p>		

<p>sofreu tanto sob o chicote da escravidão e sob a bota de um de um regime militar apoiar políticos que se declaram racistas e simpatizantes da ditadura?</p>	
<p>Um breve olhar sobre a história recente do Brasil nos ajuda a compreender algumas destas questões.</p>	<p>Enquanto a narradora fala aparece o título: Todo meme é um contexto</p>
<p>Entre muitos erros e acertos, a administração dos governos do Partido dos Trabalhadores foi marcada por uma série de políticas públicas que beneficiou grupos historicamente discriminados, agredidos e inferiorizados em nossa sociedade.</p>	<p>Imagens da posse de Lula e Dilma.</p>
<p>A criação da Lei Maria da Penha foi um importante avanço no combate a violência doméstica. Discussões sobre história das mulheres, igualdade de gênero e educação sexual passaram a ser mais incentivadas nos espaços escolares.</p>	<p>Notícias sobre a criação da Lei.</p>
<p>O movimento LGBT ganhou visibilidade na exigência de seus direitos contra a homofobia e transfobia.</p>	<p>Imagens de manifestação LGBT.</p>
<p>O movimento negro obteve conquistas históricas como a lei de cotas raciais, o estatuto da igualdade racial e a lei 10.639/2003, que incluiu no currículo escolar a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”.</p>	<p>Notícias sobre cotas e a lei 10.639.</p>
<p>A PEC das domésticas assegurou direitos historicamente negados a esta categoria formada em sua maioria por mulheres negras.</p>	<p>Notícias sobre a PEC de 2013.</p>

<p>Programas como o Minha casa Minha Vida e Bolsa família, contribuíram para que direitos básicos previstos na constituição como garantia a moradia e alimentação fossem expandidos.</p>	<p>Slogan dos programas.</p>
<p>Essas medidas, por mais longe que estejam de solucionar a desigualdade social no Brasil, causaram algumas fissuras no tecido social provocando uma reação por parte dos grupos que pretendem conservar seus privilégios de classe, gênero e raça. A partir dos protestos de 2013 forças conservadoras emergiram com força ocupando as ruas e as redes sociais.</p>	<p>Imagens protestos de 2013.</p>
<p>Esses tensionamentos ficaram muito evidentes no período eleitoral de 2014, onde Aécio Neves era visto como o candidato que livraria o país de uma suposta ameaça comunista.</p>	<p>Vídeo eleitores Aécio 00:40 até 1:14</p> <p>Vídeo eleitores do Aécio 2 00:00 até 00:20 00:30 até o final</p>
<p>Aécio não teve força política para vencer o PT,</p>	
<p>Mas em 17 de abril de 2016 a presidenta Dilma Rouseff foi impeachmada como suposta cúmplice de corrupção por um congresso onde metade dos membros foi investigado por corrupção. Incluindo o novo candidato a salvador da pátria escolhido pelos conservadores.</p>	<p>Imagens do Impeachment</p> <p>Imagens Bolsonaro https://www.youtube.com/watch?v=FYEr60riiU 00:20 até 00:50</p> <p>https://www.youtube.com/watch?v=MSMikGrvk54 1:29 até 1:49</p>

Uma das faces desse movimento conservador está diretamente relacionada aos memes que aqui analisamos:

- 1) A luta pelo direito de expressar a plenos pulmões toda sorte de preconceitos contra as minorias do país
- 2) A de negativar o sistema político que possibilitou esses avanços sociais: a democracia.

PRETO RAIZ



USA CORRENTE
ANALFABETO, SÓ PRECISA
TRABALHAR
OBEDECE AS ORDENS
DO SENHOR DE ESCRAVOS

PRETO nutella



- USA TURBANTE
- TEM COTA PRA ESTUDAR
- QUESTIONA AUTORIDADE
- QUER ANDAR DE AVIÃO



As redes sociais tem desempenhado um papel central para o conservadorismo divulgar seus ideais e os memes têm servido de veículo para fortalecer este discurso. Diversos períodos históricos marcados pelo conservadorismo usaram as imagens para divulgar ideais e criar consensos sobre suas formas de pensar.



	 <p>MACHISTAS NÃO PASSARÃO</p> <p>AS FEMINISTAS PASSAM PRA GENTE</p> <p>Antes Depois Antes Depois</p> <p>Antes Depois Antes Depois</p> <p>Brilhante Ustra Limpando a merda comunista socialista desde 1964.</p>
<p>A propaganda nazista, por exemplo, foi uma das principais estratégias tanto para sustentação do governo de Hitler como para difusão de suas ideias e o cinema funcionou como o principal meio de se transmitir as mensagens do regime. Hitler soube bem utilizar dos meios de comunicação e de informação para manutenção do sistema e para difusão do seu ideal racista, antisemita e controverso.</p>	<p>Imagens do filme “O triunfo da vontade”.</p>

Na Guerra Fria, período que envolveu uma desconfiança mútua e uma disputa ideológica, tecnológica, econômica e militar entre os Estados Unidos e a União Soviética, os Quadrinhos serviram como instrumento político se posicionando diante de determinados episódios históricos, no sentido de tomar partido ou não do que ocorria. A política anticomunista praticada pelos Estados Unidos foi tão intensa, que este ideal permanece fazendo do imaginário de muita gente. Mesmo após tantos anos do fim da URSS, muita gente continua enxergando comunistas embaixo da cama.





Alguns memes no Brasil hoje, assim como o cinema e os quadrinhos no passado, estão sendo utilizados para influenciar modos de pensar e fortalecer visões políticas. O agravante, é que diferentemente do cinema e dos quadrinhos, que são linguagens que já foram muito estudadas, os memes são uma forma de comunicação nova e para muitas pessoas ainda é difícil perceber o que está nas entrelinhas dessas mensagens.

A dificuldade em ler os memes é agravada pela dificuldade das pessoas em

Enquanto a narradora fala aparece o título:
Como ler uma rede social?

<p>compreenderem a dinâmica de funcionamento das redes sociais.</p>	
<p>Sabe quando você pesquisa algo para comprar no Google e por meses qualquer site que você acesse imediatamente te oferece mil anúncios daquele produto? As redes sociais como o facebook e instagram também funcionam assim, só que ali, além de vender produtos, eles também vendem visões de mundo.</p>	<p>Daqui em diante imagens das redes sociais ilustrando o que a narradora está falando.</p>
<p>Cada vez que algum meme, notícia ou textão aparece no seu feed e você interage com ele, o facebook vai te oferecer cada vez mais e mais conteúdos deste tipo. Pior, todos os seus contatos irão receber também. Quantos amigos você tem no facebook? 500, 1.000, mais que isso? Pois é, e se algum dos seus amigos interagir com este conteúdo também, os amigos do seu amigo também terão acesso a este conteúdo.</p>	
<p>Isso significa que um simples like gera uma reação em cadeia que vai aumentando de maneira progressiva o compartilhamento de uma mídia na web. Se isso acontecer com um meme de gatinho ou com um vídeo do David Bowie, tudo bem, afinal ver gatinhos e escutar Bowie faz bem a saúde. Mas se o conteúdo disseminado nas redes for um desses memes intolerantes como os que analisamos aqui? Bem, aí nós temos uma problema sério.</p>	

<p>O ser humano é um ser social e altamente influenciável. Há diversos estudos na psicologia social que evidenciam o quão suscetível nós somos em relação ao comportamento das pessoas que estão ao nosso redor.</p>	<p>https://www.youtube.com/watch?v=FfsLwEmaAZo Trechos do filme A onda A partir de 7:22</p>
<p>Se você interage com este tipo de conteúdo, significa que seu feed está recheado dele, criando a falsa impressão de que todo mundo ali pensa assim, e isto certamente está influenciando a sua maneira de pensar também. Sem falar que se você curte ou compartilha um meme desses, significa que você está contribuindo para a propagação de preconceitos no mundo virtual. E eu espero sinceramente que você não seja esse tipo de pessoa.</p>	
<p>Outra coisa importante de saber é que qualquer interação é lida pelas redes sociais como engajamento. Se aparecer um meme racista na sua frente, para o facebook, por exemplo, não interessa se você reagiu com amei, ou tristeza, ou raiva, ou se você escreveu um comentário elogiando ou criticando o meme. Todas essas ações são lidas como engajamento e estão ajudando a distribuir este meme pela rede.</p>	
<p>Mas então, o que fazer quando algum meme deste tipo cruzar o seu feed? Denuncie. Faça uma denúncia direta a rede social. Caso nenhuma medida seja tomada, reforce a denúncia em outros meios, como o site da</p>	

<p>Safernet, uma organização não governamental que funciona como uma central nacional de denúncias de crimes virtuais.</p>	
<p>Se ao fazer isso você tem receio de ser taxado de politicamente correto, eu vou dar uma dica: O Neil Gaiman, autor de quadrinhos perfeitos sem defeitos, sugeriu substituir este termo por “respeitar as pessoas”. Simples não? Respeitar as pessoas, independente da classe, gênero, etnia, ou nacionalidade. E jamais ser tolerante com os intolerantes por que a liberdade de expressão nunca é absoluta e ninguém tem o direito de expressar discurso de ódio por aí.</p>	<p>Foto Neil Gaiman Escrever no editor de texto “politicamente correto” Apagar Escrever “respeitar as pessoas”</p>
<p>Bem, Agora que vocês já sabem que os memes carregam discursos afinados com seu contexto histórico de produção e que muitas vezes sua narrativa é intolerante e preconceituosa, espero que tenham compreendido que se manter vigilante acerca das violências sociais presentes nessas imagens é um ato que contribui para a humanização do mundo virtual e real, e não um comportamento “mimimi” como pejorativamente são denominadas nas redes, reclamações de usuários que denunciam preconceitos e violações aos Direitos Humanos.</p>	<p>Um meme com a palavra mimimi escrita vai para a lixeira do computador.</p>
<p>Contestar um padrão de comportamento é sempre muito mais difícil do que apenas seguir e se deixar</p>	<p>A narradora sai do facebook e vai assistir o videoclipe de Heroes.</p>

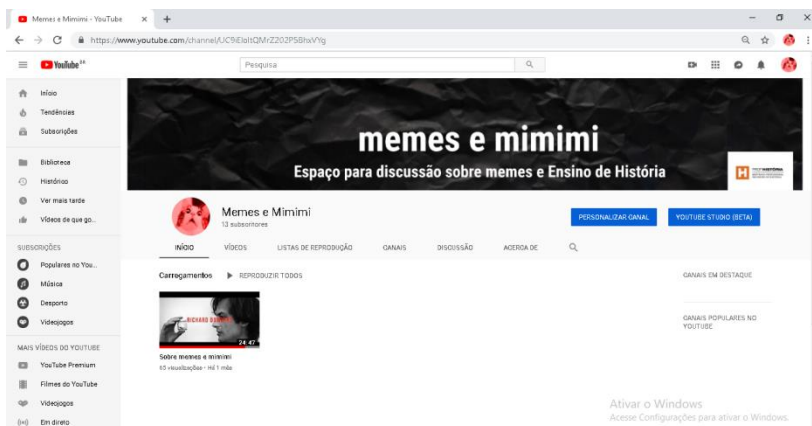
levar. Portanto, criticar qualquer mensagem contrária aos valores éticos, aos direitos humanos e a democracia é um ato de valentia e coragem. O David Bowie disse que nós podemos ser heróis nem que seja por um dia, e eu acho que ele está coberto e recheado de razão.

Um abraquinho e até a próxima ;)



Este vídeo busca atender as particularidades do programa de Mestrado Profissional em Ensino de História da Universidade Federal de Santa Catarina que tem entre os seus objetivos a reflexão de problemáticas que afetam os professores e estudantes nas dinâmicas de ensino no âmbito da História. A partir desta reflexão, busca-se a elaboração de práticas e materiais didáticos que possibilitem melhorias no ensino e aprendizagem da História na educação básica do país.

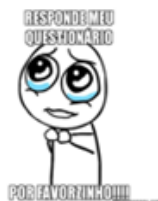
ANEXO 3- Canal Memes e Mimimi



Disponível em:

<https://www.youtube.com/channel/UC9iEloltQMrZ202P5BhxVYg>

ANEXO 4- Questionário



Queridos e queridas estudantes,

Esse questionário faz parte de um projeto muito misterioso que envolve vocês e nossas aulas de História. Responda as perguntas da forma mais sincera possível e não se preocupe: não está valendo nota e não há resposta certa ou errada!

Responde aí vai, por favor!!! Nunca te pedi nada ☺



1. Você é estudante do ensino: Fundamental séries finais Ensino Médio

2. Seu gênero é: Feminino Masculino



3. Você possui acesso à internet em casa?

Sim Não

4. Com qual frequência você acessa a internet?

Todos os dias Alguns dias da semana Só brezem de vez em quando

5. Qual dispositivo você usa para acessar a internet?

Celular Tablet Computador Outros

6. Com qual finalidade você utiliza a internet?

Lazer Pesquisa/Estudo Outras



7. Na sua opinião, o que é um meme?

8. Você já criou um meme?

Sim Não

9. Caso você já tenha criado um meme, marque abaixo qual ferramenta você utilizou para criar seu meme:

Gerador de memes online Editor de imagens, como photoshop, paint, etc Aplicativos para celular

10. Em qual rede social você prefere curtir ou compartilhar memes?

Facebook Twitter Whatsapp Instagram Outras

11. Você tem o hábito de comentar nas redes sociais utilizando memes?

Sim Não

12. Assinale abaixo as opções que para você são memes:



Opção 1



Opção 2



Opção 3



Opção 4



Opção 5



Opção 6



Opção 7



Opção 8

13. Você segue nas redes sociais alguma página ou perfil que divulga memes sobre história?

Sim Não

Caso a resposta seja sim, escreva aqui qual o nome da página (ou páginas) nesse estilo que você segue:

14. Algum professor seu (ou professora) já utilizou memes nas aulas?

Sim Não

Caso a resposta seja sim, me conte aqui qual e disciplina que esse professor ou professora leciona:



15. Você já viu na internet memes com conteúdo preconceituoso ou intolerante?

Sim Não

16. Você já interagiu (curtiu, compartilhou, criou) memes com conteúdo preconceituoso ou intolerante?

Sim Não

17. Em qual destas redes sociais você costuma ver com mais frequência memes preconceituosos ou intolerantes?

Facebook Twitter Whatsapp Instagram Nenhuma



Estão terminado as perguntas, juro! Aguarde firme!

Para finalizarmos esse lindo questionário gostaria de pedir o seguinte:

Logo abaixo há uma seleção com 10 memes. Peço para que você analise com atenção essas imagens e assinale os memes que, no seu modo de entender, são preconceituosos ou intolerantes. Em seguida explique brevemente os motivos que fizeram você escolher cada uma das imagens. Você pode escolher quantos memes quiser, desde que justifique cada uma das escolhas!



Meme 1

ÍNDIO RAIZ



- caçava onça pra alimentar o tribo inteira
- andava gelado não lava nem si
- usava sinal de fumaça pra se comunicar
- matava homem branco sem dó se precisasse
- fazia rolo pra ganhar espelho e cachoeira
- muito respeitado pelos mais velhos da tribo

ÍNDIO NUTELLA



- quer ganhar cresta bôncia e bolsa família
- berruquinho top da odidas
- zap zap e facebook
- se vitimizava
- quer celular e antena parabólica century
- o cacique chora no banheiro

Meme 2



Meme 3



Meme 4



Meme 5



Meme 6



Meme 7



Meme 8



Meme 9



Meme 10

